

Luiz G. Carvalho
Pedro Sette Câmara

Introdução ao simbolismo astrológico



www.astrologiatradicional.com

© 2005 Todos os direitos reservados

Índice

I. O número	6
Nosso objeto de estudo.....	6
Semelhanças de tipo	6
Quantidade contínua e descontínua.....	7
Definição de número.....	7
II. As dualidades.....	9
III. Os ternários	12
Exemplos	12
Unidade / Infância.....	12
Bondade / Maturidade.....	13
Verdade / Velhice.....	13
Associações com outras idéias	15
“Ens est unum, verum, bonum”	15
Os “três movimentos” no Islam.....	15
Aplicação nos signos.....	15
Nota sobre <i>A Grande Tríade</i>	16
IV. Os Quaternários.....	17
Observando as notas dos corpos	17
A definição de corpo.....	17
1. O limite da extensão	18
1.1. Umidade.....	18
1.2. Secura	18
2. Divisibilidade da extensão	18
2.1. Calor.....	18
2.2. Frieza	18
Um exemplo.....	19
Os quatro elementos	19
Ar.....	19
Água.....	19
Fogo	20
Terra.....	20
Os quatro temperamentos.....	20
Colérico – Fogo	20
Sangüíneo – Ar	20
Melancólico – Terra	20
Fleumático – Água.....	21
As quatro causas.....	21
Causa formal.....	22
Causa final.....	22
Causa material.....	22

Causa eficiente.....	22
Descrevendo algo nos termos das quatro causas	23
Quatro qualidades divinas.....	23
Revisão dos quatro elementos & associação com qualidades divinas.....	24
V. Os signos.....	25
A Áries.....	26
Imagens arianas	26
Pessoas arianas	26
Hexagrama do I Ching: 34. Ta Chuang: o poder do grande.....	27
Fruto do Espírito Santo: caridade	27
B Touro.....	28
Imagens taurinas.....	28
Pessoas taurinas.....	28
Hexagrama do I Ching: 43. Kuai: Irromper.....	29
Fruto do Espírito Santo: gozo.....	29
C Gêmeos	31
Imagens geminianas.....	31
Pessoas geminianas	31
Hexagrama do I Ching: I. Ch'ien. O Criativo.....	32
Fruto do Espírito Santo: paz	32
D Câncer.....	33
Imagens cancerianas.....	33
Pessoas cancerianas.....	33
Hexagrama do I Ching: 44. Kou. Vir ao encontro.	34
Fruto do Espírito Santo: paciência.....	34
E Leão.....	35
Imagens leoninas.....	35
Pessoas leoninas.....	35
Fruto do Espírito Santo: bondade.....	36
F Virgem	37
Imagens virginianas	37
Pessoas virginianas	37
Hexagrama do I Ching: 12. P'i. Estagnação.	38
Fruto do Espírito Santo: benignidade	38
G Libra	39
Imagens librianas	39
Pessoas librianas	39
Hexagrama do I Ching: 20. Kuan. Contemplação.....	40
Fruto do Espírito Santo: longanimidade	40
H Escorpião	42
Imagens Escorpianas	42
Pessoas escorpianas.....	43
Hexagrama do I Ching: 23. Po. Desintegração	43

Fruto do Espírito Santo: mansidão	43
I Sagitário	44
Imagens sagitarianas	44
Pessoas sagitarianas	44
Hexagrama do I Ching: 2. Kun. O Receptivo.....	45
Fruto do Espírito Santo: fé	46
J Capricórnio	47
Imagens capricornianas.....	47
Pessoas capricornianas.....	47
Hexagrama do I Ching: 24. Fu. Retorno (o ponto de transição).....	47
K Aquário	49
Imagens aquarianas.....	49
Pessoas Aquarianas	49
Hexagrama do I Ching: 19. Lin. Aproximação.	50
Fruto do Espírito Santo: continência	51
L Peixes	52
Imagens piscianas	52
Pessoas piscianas.....	52
Hexagrama do I Ching: 11. T'ai. Paz.	53
Fruto do Espírito Santo: castidade	53
VI. Dualidades & triplicidades	54
As dualidades.....	54
Áries – Libra	54
Touro – Escorpião.....	54
Gêmeos – Sagitário	54
Câncer – Capricórnio	55
Leão – Aquário.....	55
Virgem – Peixes.....	55
As triplicidades	56
A triplicidade de fogo: Áries / Leão / Sagitário	56
A triplicidade de terra: Touro / Virgem / Capricórnio	56
A triplicidade de ar: Gêmeos / Libra / Aquário	56
A triplicidade de água: Câncer / Escorpião / Peixes.....	56
VII. A regência planetária dos signos.....	57
VIII. Os Sete Planetas	60
As sete etapas das operações humanas	60
1. Percepção da privação / Saturno W.....	60
2. Imaginação daquilo que satisfaria a privação / Júpiter V.....	60
3. Movimento até o objeto escolhido / Marte U	60
4. A posse do objeto / Sol Q.....	60
5. O gozo no objeto / Vênus T.....	60
6. A memória, reflexão e classificação daquela experiência / Mercúrio S.....	60
7. As marcas materiais da experiência / Lua R	61

Outro exemplo: o primeiro capítulo do livro <i>Relatos de um Peregrino Russo</i>	61
IX. As faculdades da alma de São Tomás de Aquino.....	62
Sentido comum / Lua	63
Estimativa / Mercúrio.....	64
Apetite concupiscível / Vênus.....	65
Vontade / Sol.....	66
Apetite irascível / Marte	68
O intelecto paciente e o intelecto agente.....	69
Revisão das faculdades: esquema de forças segundo o <i>yin-yang</i>	73
X. Os sete vícios capitais	74
Soberba / Vaidade.....	74
Preguiça / Acídia	75
Ira	76
Gula.....	76
Avareza.....	77
Inveja	77
Luxúria	77
XI. Pequena lista de informações sobre os planetas.....	79
XII. As dignidades essenciais	81
Os planetas como personagens.....	82
Sol.....	82
Lua.....	83
Mercúrio.....	84
Vênus.....	84
Marte.....	85
Júpiter.....	86
Saturno	87

I. O número

O objetivo desta obra é estabelecer uma imagem clara e distinta de cada um dos 12 signos e também dos 7 planetas a partir da noção pitagórica de *número* ou ἀριθμός (arithmós, de onde vem por exemplo *aritmética*).

A respeito da questão do número, parece não haver melhor referência do que o filósofo brasileiro Mário Ferreira dos Santos. Caso deseje se aprofundar, consulte suas obras *A Sabedoria das Leis Eternas* e *Pitágoras e o Tema do Número*, e não deixe de ver seu maravilhoso comentário ao *Parmênides* de Platão, republicado recentemente com o título de *O Um e o Múltiplo em Platão*.

A questão das formas e do número também foi tratada por Aristóteles. Toda a sua obra a respeito é uma referência para nós. Outras referências fundamentais, às quais nem sempre faremos alusão direta, estão ainda nas obras de Plotino, São Tomás de Aquino e René Guénon.

Nosso objeto de estudo

Podemos definir a astrologia como o estudo das semelhanças de tipo entre os fenômenos celestes e qualquer outra ordem de fenômenos. Mas, uma vez dada esta definição, é preciso esclarecer exatamente o que são semelhanças de tipo.

Semelhanças de tipo

Podemos dizer que existem três maneiras fundamentais de dividir as semelhanças: há as semelhanças de gênero, de acidente e de tipo.

A semelhança de acidente é a mais fácil de ser apreendida. Minha camisa é branca e a parede também é branca. Eu caio no chão e o lápis também cai no chão. Ser branco, porém, não faz parte da definição de camisa e nem da definição de parede; assim como cair no chão não é o que faz com que o lápis seja um lápis e nem o que faz com que eu seja um ser humano.

A semelhança de gênero também é fácil de ser apreendida: eu sou um ser humano do gênero animal, assim como os demais seres humanos. Um pinheiro e um cacto são também do mesmo gênero, o gênero vegetal.

Já a semelhança de tipo é um pouco mais sutil, mas é a mais presente na linguagem comum e na imaginação das pessoas: ela é a semelhança que se observa pela comparação de dois objetos com um terceiro. Dizemos, por exemplo, que um sorvete é frio e que o raciocínio é frio; a semelhança entre o sorvete e o raciocínio está na frieza, presente de **modo** diferente em ambos. A semelhança de tipo indica a presença de uma mesma qualidade em dois objetos distintos; é uma semelhança qualitativa que no entanto não se dá nem pelo gênero nem pelos acidentes. Corpo e raciocínio não pertencem ao mesmo gênero, nem têm os mesmos acidentes, mas podem possuir a mesma qualidade, manifestada de modo diferente.

A semelhança de tipo ainda admite variações de grau, isto é, as qualidades podem estar manifestadas mais ou menos. Observe que a semelhança de gênero – ou de espécie, tanto faz para os fins presentes – não admite variação nem de grau nem de modo. Não existe maneira de alguém pertencer a algum gênero ou espécie “deste

modo” ou “daquele modo”: ou você pertence ou não pertence, ou você é um ser humano, *homo sapiens sapiens*, ou não é; ou é uma samambaia ou não é. Trata-se de algo bastante inflexível e literal. A semelhança de acidente admite variação de grau, mas não de modo: o branco da minha camisa pode ser mais branco do que o da parede, mas o branco não pode estar na minha camisa de um modo diferente do que está na parede: ou elas têm cor branca, em maior ou menor quantidade, ou não têm semelhança do acidente cor.

O simples fato de podermos fazer a analogia entre “sorvete frio” e “raciocínio frio” já evidencia a relação entre um ato de percepção sensível e um ato de outro tipo de percepção. Quer dizer, não podemos tocar no raciocínio para sentir sua temperatura, mas sabemos que ele é frio; isto quer dizer que já, de algum modo, apreendemos nele o elemento de frieza. Este elemento apreendido é que é justamente o tipo, o nexos analogante entre o sorvete e o raciocínio.

Agora veremos como o número pode ser visto como uma semelhança de tipo. Primeiro, vamos entender a natureza do número.

Quantidade contínua e descontínua

Na quantidade contínua as partes têm limites comuns, e na quantidade descontínua as partes não têm limites comuns. Se divido com uma linha uma folha de papel, ela tem duas partes contínuas, pois a mesma linha serve de limite a ambas as partes; se corto a folha, ela passa a ter duas partes e a ser uma quantidade descontínua.

A quantidade contínua chama-se **magnitude** e a quantidade descontínua chama-se **multitude**.

O número, porém, está mais diretamente relacionado à multitude do que à magnitude. Ele é apreendido primeiro na multitude e depois aplicado à magnitude, e aí fazemos de conta que ela é uma multitude de pedacinhos. Só apreendemos o número de uma multitude por referência à unidade, isto é, toda multitude é uma multitude de unidades de elementos. Na minha mesa, neste momento, há um livro, um computador, uma caneca e uma luminária. São quatro elementos, um de cada. Esta multitude seria diferente de outra multitude pelo número de elementos; isto é, se eu colocasse mais um livro, teria cinco elementos, e a multitude pertenceria à espécie cinco, e não à espécie quatro.

Na magnitude, podemos dizer o seguinte: Pedro tem 1,79m de altura. Isto não quer dizer que eu tenha 179 partes iguais de 1 cm, e muito menos que eu possa ser cortado em 179 pedacinhos. Se isto acontecer, eu deixarei de ser eu mesmo: não surgirá uma multitude de 179 pedacinhos de Pedro que podem se reunir quando quiserem. Pedacinhos de Pedro não são Pedro.

Definição de número

O número, então, é o aspecto formal da multitude. Todas as multitudes que forem compostas de um determinado número de elementos serão iguais naquele número, e todas as que somente puderem existir em um determinado número de elementos manifestarão necessariamente o tipo daquele número.

Mas existem multitudes que só podem existir em um determinado número. Voltando ao exemplo dos objetos sobre a mesa, é fácil observar que o computador não precisa da xícara para ser computador, e nem ela precisa da luminária, e assim por diante. Os elementos desta multitude não se definem uns pelos outros. Porém, se pensarmos nas 4 estações, veremos que elas se definem uma pela outra e que só poderiam ser quatro. Se fossem 3, 5, ou 30, já não seriam estações no mesmo sentido em que as concebemos. Dizemos então que as estações são *naturalmente medidas pelo número 4*, e tudo que é medido naturalmente por um número corresponde ao tipo expresso por aquele número.

Aqui já podemos trazer a definição do número como *forma da semelhança* entre as coisas. Se tomarmos outro conjunto naturalmente medido pelo número quatro, perceberemos nele as mesmas relações, isto é, perceberemos que há uma *analogia* entre os dois conjuntos. Examinemos mais um exemplo, associando as estações aos pontos cardeais. No equinócio da primavera, o dia e a noite têm a mesma duração, e o Sol começa a subir no horizonte. Por isto o equinócio da primavera é associado ao leste. Ao chegar no solstício de verão, temos o dia mais longo do ano: é o ponto norte. Tendo chegado ao ponto máximo, o Sol só pode descer, e uma vez que atinja o equinócio do outono, teremos novamente um dia e uma noite com a mesma duração: é o ponto oeste. Continuando o movimento descendente do Sol, temos o solstício de inverno, quando ele chega a seu ponto mais baixo no horizonte: eis o ponto sul. Daí em diante ele só pode subir e retornar ao ponto leste, ou equinócio da primavera. Pense nas relações que você apreendeu entre as noções dos pontos cardeais, considerados geometricamente, e compare com as idéias das estações: você verá que a *quaternariedade* está presente nelas. Os pontos cardeais, porém, são os pontos cardeais, as direções do espaço; e as estações são as estações; não há relação de identidade entre eles; a primavera não é a direção leste. Há no entanto um elemento comum que os analogia: é o número 4.

II. As dualidades

Nosso objetivo neste capítulo é captar o simbolismo expresso pelo número 2 e colocar algumas noções necessárias para a apreensão do simbolismo dos outros números. É recomendada, mas não indispensável, a leitura dos três primeiros capítulos do *Reino da Quantidade* de René Guénon.

Vamos começar recordando as coisas que parecem naturalmente vir em pares e analisar a relação existente entre elas, até chegarmos à forma própria da dualidade. Tente pensar sozinho em pares em vez de simplesmente se contentar com aqueles que serão analisados aqui.

Listemos aleatoriamente alguns pares: bem x mal, dia x noite, claro x escuro, amor x ódio, homem x mulher, Sol x Lua, direita x esquerda etc. Agora vamos analisá-los.

Será que bem e mal são um par? Não. Segundo a famosa doutrina agostiniana da *privatio boni*, o mal é apenas a privação de um bem que é devido, e não um princípio oposto e complementar ao bem. Assim, a doença é apenas a privação da saúde, a pobreza é apenas a privação de riquezas materiais; se isto ainda não é claro, basta pensar que a desordem não é um princípio contrário à ordem. Um quarto é arrumado por obra de uma inteligência e de uma vontade, a primeira concebendo o quarto arrumado e a segunda o arrumando; mas o mesmo quarto é desarrumado pela simples entropia, por vários atos irrelacionados: livros esquecidos que se amontoam, a cama amassada após a noite de sono, uma toalha abandonada por preguiça.

Amor e ódio não constituem um par porque são apenas dois atos da vontade que se distinguem pelo “sinal trocado”. Trata-se tão somente de querer o bem do outro e querer o mal do outro. O amor não precisa do ódio para existir, nem o ódio precisa do amor.

Direita e esquerda, sejam apenas direções ou posições políticas, são apenas relativos definidos em função de um ponto que também pode se mover. À minha direita estão livros, e à minha esquerda está a luminária; quando eu me sentar para almoçar, terei pessoas à minha direita e à minha esquerda: o centro, que é meu corpo, mudou.

Claro e escuro, assim como dia e noite, podem ser definidos também como presença ou ausência de luz, e neste caso seriam, assim como o bem e o mal, definidos pela relação de *posse e privação*, que não é a relação própria da dualidade.

Dos pares sugeridos, aqueles que expressam a relação que procuramos são Sol x Lua (que também podem ser análogos a dia x noite) e masculino x feminino. A relação que procuramos é de *polaridade e complementaridade* – lembre-se que nas multitudes naturalmente medidas por um número *sempre há complementaridade entre os elementos*. O Sol e a Lua têm uma relação de polaridade, um representando um princípio ativo, e a outra representando um princípio passivo, assim como homem e mulher. Aqui é preciso pedir ao aluno que considere a idéia de homem e a idéia de mulher: o homem é másculo, viril, forte e decidido; a mulher é delicada, mais fraca fisicamente, e mais insegura. Além disto, na reprodução, ela é quem recebe a semente do homem.

Então, o tipo expresso pelo número 2 está na polaridade de um determinante e um determinável, como nos exemplos abaixo:

<i>Determinante</i>	<i>Determinável</i>
Masculino	Feminino
Forma	Matéria
Essência	Substância
Ato	Potência
Purusha	Prakriti
Yang	Yin
Sol	Lua

Aqui surgiram alguns termos novos. Vamos examiná-los todos, pois serão importantes para o que será dito adiante.

Forma e *matéria*, assim como *essência* e *substância*, equivalem ao seguinte: tome um objeto qualquer. A xícara, por exemplo. A forma da xícara não é sua figura, mas seu *modelo* ou sua *idéia*, em termos mais platônicos. A forma da xícara é a idéia da xícara tal como existe na cabeça do homem que a projetou. A matéria da xícara pode ser, por exemplo, a porcelana. Podemos trocar estes termos por *essência* e *substância*: a essência da xícara é a xícara na mente do projetista e a matéria é a porcelana. É fácil ver que a essência é determinante em relação à substância: foi a essência da xícara que determinou a porcelana. A porcelana poderia ter ficado quieta, ou poderia ter sido determinada pela essência de um vaso, por exemplo – mas foi determinada pela da xícara, isto é, tornou-se xícara.

A partir deste exemplo também é fácil entender as noções de *ato* e *potência*. *Ato* é aquilo que é, e *potência* é aquilo que *pode ser*. A essência é análoga ao ato porque não precisa da substância para existir, isto é, é possível conceber uma xícara sem que esta xícara exista materialmente. A porcelana enquanto material também existe em ato, mas é *potencialmente* uma xícara. Assim podemos até dizer que muitas coisas são em ato “elas mesmas” e potencialmente outras: o trigo é trigo em ato e é pão em potência, um peixe é em ato um animal que vive em baixo d’água e é potencialmente um alimento. Uma criança é potencialmente um adulto.

Se falamos de *Yang* e *Yin* no taoísmo ou *Purusha* e *Prakriti* no hinduísmo, referimo-nos a esta polaridade no plano do cosmos inteiro: *Yang* e *Purusha* representam a capacidade máxima de determinar, e *Yin* e *Prakriti* representam a capacidade máxima de receber uma determinação.

Por fim, temos o Sol e a Lua: ora, sabemos (e também os antigos sabiam) que a Lua recebe a luz do Sol. O Sol e a Lua são os equivalentes astronômicos do princípio ativo e do princípio passivo. Aqui poderíamos trazer de novo os pares dia x noite e claro x escuro: se pensarmos que o escuro é apenas a capacidade de receber o claro, podemos dizer que claro e escuro equivalem a ativo e passivo, ou determinante e determinável.

Considerando novamente os pares impróprios, vemos que a relação de posse e privação não constitui uma polaridade; a polaridade está na verdade entre aquilo que é

capaz de dar e aquilo que é capaz de receber, ou aquilo que é capaz de conceder ou não conceder a posse e aquilo que é capaz de receber ou não receber a posse. O determinante é o que é capaz de tornar possuidor de uma determinação e o determinável é o que pode possuir uma determinação ou estar privado dela.

Por fim, vale observar que uma polaridade é composta de duas “metades” que formam uma unidade. Numa relação de posse e privação, a sua “soma” resultaria em nada, em zero, e não em alguma coisa. Se tenho biscoitos no armário e os retiro, isto é, somo +3 biscoitos com -3 biscoitos, o resultado é zero, e não uma unidade biscoital.

III. Os ternários

Ao estudar as dualidades, apenas consideramos a essência e a substância em separado. Mas os entes compostos de essência e substância – ou seja, tudo o que foi criado por Deus – não trazem sua essência e sua substância separadas uma da outra, mas reunidas. Isto pode parecer muito complicado, mas basta considerar um exemplo para que tudo fique claro: ao ver um homem, não temos de um lado a essência de homem e de outro lado a substância do homem, mas o próprio homem em sua unidade real. Voltando à linguagem filosófica, podemos dizer que *tudo ente é uma composição atual de essência e substância*.

Composição quer dizer justamente ocupar a mesma posição. Dizemos composição atual porque a composição existe em ato. A partir desta consideração, podemos apreender o tipo expresso pelo número 3, os “três atributos conversíveis do ente”: **unidade, bondade e verdade**. Vamos primeiro defini-los para depois explicá-los e trabalhar exemplos.

- **Unidade** – ato da composição de essência e substância.
- **Bondade** – ato da essência na substância.
- **Verdade** – ato da substância em conformidade com a essência.

Como já vimos, **unidade** é o ato da composição de essência e substância, isto é a essência e a substância separadas não formam um ente, mas apenas quando estão compostas, ou postas no mesmo lugar.

Bondade é o ato da essência na substância. Para a essência se manifestar, precisa agir em algo, precisa de algo que sirva de substância, ou vai ficar só no “mundo das idéias”, ou na “mente de Deus”.

Verdade é o ato da substância em conformidade com a essência. Nem todas as essências podem agir sobre todas as substâncias. A essência de um bolo de chocolate não pode agir sobre a substância das pedras, mas precisa de uma substância de farinha, ovos, chocolate etc. Do mesmo modo, a essência de homem não pode se manifestar nas conchas: nunca se ouviu falar de um ser humano que fosse feito de conchas.

Exemplos

Um ternário que pode ser associado a unidade, bondade e verdade é **infância, maturidade e velhice**.

Unidade / Infância

A infância manifesta mais a unidade do que a bondade ou a verdade. Por quê? Vamos demonstrar isto primeiro por eliminação da bondade e da verdade. Tomemos a “essência de homem” e a “substância de homem”. A idéia de homem corresponde ao ser humano adulto, que goza plenamente de suas faculdades. A criança é só um adulto potencial; portanto, ela não manifesta ainda plenamente a essência de homem. Quanto à verdade, basta ver que a substância da criança é muito plástica ainda: afinal, ela

crece. A substância – o corpo – *ainda está se conformando* à essência, sem ter atingido um ponto definitivo.

Além disso, é preciso pensar no seguinte: como sabemos que uma coisa é ela mesma? Como a diferenciamos? Ora, reconhecer alguma coisa nada mais é do que distingui-la do meio em que ela está. Distingo o computador onde escrevo este texto do ambiente da mesa e do quarto onde estou; distingo cada livro na estante da estante mesma e do quarto onde ela fica. Podemos dizer, portanto, que **a unidade pode ser associada à distinção do meio**. E as crianças certamente se distinguem do meio mais do que os adultos ou velhos: basta ver que a maior parte delas não pára quieta e faz muito barulho. É bem mais fácil encontrar adultos e velhos que “compõem o ambiente” em relação ao meio em que estão do que crianças.

Bondade / Maturidade

A idade adulta, então, corresponde à bondade porque é nela que a essência fica mais evidente. Aliás, é só na maturidade – e vamos aqui remover a conotação de “velhice” que é dada à palavra “maturidade” em tempos de culto imbecil à infância eterna, e restaurar o seu sentido original, que é o de “plenitude” – que o ser humano atinge sua perfeição corpórea, podendo reproduzir-se. Um ser humano maduro é capaz de cuidar de si, de prover seu sustento, de fazer aquilo que deseja, de entender aquilo que lhe é explicado e de formular seus próprios problemas em termos claros, buscando soluções para eles. A criança é dependente em quase tudo; e o velho pode ser dependente em muitas coisas.

Assim como foi oferecido um critério para “reconhecer” a unidade, vamos dar um também para a bondade: se o que estava em jogo na unidade era a distinção entre o ente e o meio, na bondade o que conta é a **projeção da essência do ente sobre um outro objeto**, como por exemplo aquele que o observa. Um ser humano maduro (não apenas uma criança crescida), por exemplo, é mais belo e mais capaz de impressionar do que um criança; parece que algo da sua essência se projeta e se assenta em nossa alma.

Verdade / Velhice

O pleno gozo de muitas faculdades humanas depende do corpo; se o corpo – a substância – não permite, a essência não pode se manifestar integralmente. A essência – a alma – então está indo para outro mundo, se Deus quiser para um lugar melhor, e o corpo apenas dá testemunho dela aqui. A missão está cumprida, e o corpo que fica ainda é suficientemente corpo para que o ser humano exista neste mundo; se não fosse assim, não haveria diferença entre a velhice e a morte. Dizemos então que a velhice pode ser associada à verdade porque a substância está no limite de sua conformidade com a essência, evidenciando este aspecto em relação aos outros.

O critério que podemos utilizar para saber se algum ente manifesta mais a verdade do que os outros atributos é ver se o ente manifesta **a comparação com um modelo**. Um velho manifesta a comparação com o modelo de ser humano, ou com seu próprio

modelo individual: muitas vezes olhamos pessoas mais velhas e pensamos em como devem ter sido bonitas na sua maturidade.

Além disto, na velhice é que vem o período mesmo de avaliação do que houve, o que é mais parecido com a verdade, embora esta comparação siga outra linha; na velhice ocorre a avaliação do sentido da vida individual em relação ao sentido da espécie humana, o que equivale à comparação com um modelo.

*

* *

Podemos observar os três atributos em todas as coisas. Tomemos o chá como um novo exemplo. Onde está a unidade do chá? No simples fato de existir como chá e não como café, biscoito amanteigado ou tijolo. E a bondade? No seu gosto, no seu cheiro. E a verdade? Em ser feito com água e erva e açúcar. Não dá para fazer chá utilizando carne crua, sal e Coca-Cola.

Assim, **a unidade é o chá mesmo, pronto; a bondade é o ato da essência do chá sobre a infusão: o gosto, o cheiro; a verdade é a água, que é o líquido próprio e adequado para aquele chá e não para outra coisa.** Não se faz chá de pêssego usando um saquinho de chá de camomila, afinal. A essência do chá de pêssego está naquela erva aromatizada de pêssego, e não na erva de camomila.

É possível observar estas noções até em entes criados pela engenharia genética. Suponhamos um morango transgênico – e é bem possível que todos nós já tenhamos comido morangos transgênicos.

A partir de uma idéia de morango perfeito, isto é, do que seria a essência mesma do morango, é que se vai elaborar o morango transgênico. Aí os cientistas estudam a substância do morango e descobrem que os melhores morangos têm determinadas doses de certos elementos, isto é, que aquela substância, se for mais ou menos assim ou assado, predispõe mais à manifestação da essência do morango. Tanto é que na experiência de um morango ruim fica muito mais evidente tudo aquilo que *não é* morango, e *não aquilo que é efetivamente morango*. A mesma coisa com um chocolate. Ao comer um chocolate de má qualidade, temos muito mais experiência da gordura vegetal hidrogenada do que do chocolate mesmo.

Podemos estender a análise agora a um poema. Para fazer um bom poema é preciso usar muitas técnicas, mas quando o poema está pronto não são elas que são imediatamente evidentes, mas só aquilo que o poema quer transmitir, só a idéia dele. Já num poema ruim só a linguagem enquanto material fica evidente, porque a substância – a escolha de palavras, o ritmo etc. – está inadequada.

Vamos finalizar os exemplos considerando um ato de percepção. A definição escolástica tradicional para “verdade” – aqui no sentido epistemológico – é “conformidade da idéia com a coisa”. Logo, um ato de percepção é um **ato de conformidade da sua mente com a idéia de uma coisa**, isto é, a sua mente ou intelecto é a substância que “recebe” a essência do objeto. A mente corresponde à verdade, a essência percebida corresponde à bondade, e o ato de percepção corresponde à unidade.

Associações com outras idéias

“Ens est unum, verum, bonum”

A idéia de “unidade, bondade, verdade” é derivada da fórmula dos “três transcendentais” da filosofia escolástica medieval, *ens est unum, verum, bonum*, ou “o ente é uno, verdadeiro e bom”. O uno é exatamente aquilo que explicamos: cada ente é um ente, ele mesmo e não outro. Nesta noção vemos o princípio de identidade. O “verdadeiro” diz respeito ao aspecto cognoscível do ente, isto é, é possível conhecer a definição de cada coisa. Isto se relaciona com o ato da substância em conformidade com a essência porque o conhecimento é uma espécie de conformidade entre sujeito e objeto, como vimos no último exemplo analisado. O “bom” diz respeito ao aspecto apetecível do ente, isto é, o fato de todo ente poder ser objeto dos apetites da alma, sejam sensíveis ou intelectuais. Estudaremos os apetites no módulo seguinte, a respeito dos planetas. O importante aqui é perceber que todo ente só pode “apetecer”, isto é, ser desejado ou rejeitado, em função da projeção de sua essência sobre o ser que apetece.

Os “três movimentos” no Islam

Vamos mencionar os “três movimentos” de que fala a obra de Ibn Arabi por causa da importância da astrologia islâmica para a formação da astrologia ocidental.

“Os três movimentos ou orientações do Espírito são: o movimento descendente, que se distancia aparentemente do Princípio e que dá a medida da profundidade (*al-‘umq*) do possível; o movimento expansivo, que dá a medida de sua amplitude ou vastidão (*al-‘urd*); o movimento de retorno à origem, que se dirige no sentido de exaltação ou de altura (*at-tûl*).” – Titus Burckhardt, *Chave Espiritual da Astrologia Muçulmana*, Cap. II.

Podemos dizer, então, que o primeiro movimento se relaciona com a unidade, porque todo ente retém um elo com o Princípio que é a sua unidade, ou o fato de ser “medido” pelo 1 (ainda que o Princípio, sob outros pontos de vista, possa ser identificado com o zero). O segundo movimento é análogo à bondade: a amplitude da manifestação é a projeção das essências contidas no Princípio. O terceiro, por fim, corresponde à verdade: compreender alguma coisa é apreendê-la em sua relação com o Princípio.

Aplicação nos signos

Acrescentemos agora, mas sem desejar adiantar o assunto, que unidade, bondade e verdade correspondem àquilo que, nos signos, chamamos respectivamente de *cardinal*, *fixo* e *mutável* ou, utilizando outros termos comuns da astrologia tradicional, *móvel*, *fixo* e *comum* ou *bicorpóreo*. Áries, Câncer, Libra e Capricórnio são signos cardinais; Touro, Leão, Escorpião e Aquário, fixos; e Gêmeos, Virgem, Sagitário e Peixes são mutáveis.

Nos signos móveis / cardinais, acontece a mudança das estações, isto é, a nova estação se evidencia, isto é, vai se distinguindo da anterior. Nos signos fixos, a estação

se “fixa”, e temos seu mês mais característico. Nos signos mutáveis/comuns, temos aquele período de transição em que dizemos, por exemplo, que a próxima estação “está chegando”.

Nota sobre *A Grande Triade*

Se algum aluno tiver lido *A Grande Triade*, de René Guénon, ou vier a ler este importante livro, observe que o ternário de que tratamos aqui é do “segundo tipo” mencionado. Guénon fala em dois tipos de ternário: o primeiro é a polarização do um em dois (“o um gera o dois”), e o outro é a formação das coisas a partir desta polaridade (“o dois gera o três”). Não se trata de “discordar” de Guénon nem de “ignorar” o primeiro tipo de ternário, mas sim de observar que apenas o segundo tipo convém ao nosso objetivo, que é formar uma imagem dos signos.

IV. Os Quaternários

Poderíamos seguir raciocinando sobre as noções dadas, mas agora vamos fazer uma pausa e dar uma explicação a respeito dos **quatro elementos** – quando falarmos a respeito das quatro causas, voltaremos a refletir a respeito de ato x potência, essência x substância etc. Tratando agora dos quatro elementos, poderemos associá-los às causas depois, fazendo com que os dois estudos casem.

Observando as notas dos corpos

Como os quatro elementos são derivados da noção de corpo, cabe-nos primeiramente definir “corpo”. Vamos considerar um objeto corpóreo e retirar dele algumas notas até sermos capazes de reconhecer suas notas essenciais e chegar à definição.

Observemos, então, a folha de papel em que está impressa este texto. Faça um conjunto de observações a respeito dela, mesmo que você não as escreva. Em vez de raciocinar, tente simplesmente prestar atenção. O que você está observando nesta folha de papel?

Podemos dizer: ela é branca, com letras impressas. Ela é feita de alguma coisa – papel, no caso. Ela é retangular. Ela é suave ao toque.

Agora vamos separar os dados *essenciais* dos *acidentais*, comparando a folha de papel com todos os corpos. Todos os corpos precisam ser brancos? Não. Precisam ter letras impressas? Também não. Todos os corpos têm cor? Não, porque no escuro eles não deixam de ser corpos. Estes são portanto acidentais.

Continuemos. Todos os corpos são feitos de alguma coisa? Sim, mas não necessariamente de papel. Aqui já começamos a acertar o alvo. Todos os corpos têm alguma substância. E agora: todos os corpos são retangulares? Não – mas todos os corpos têm alguma espécie de figura. Em vez de figura, podemos dizer: extensão limitada. Dá na mesma, mas aqui explicitamos a idéia de que todos os corpos têm alguma extensão, e que esta extensão não é ilimitada.

Por fim, todos os corpos são suaves ao toque? Não: tente pegar num ouriço para ver.

A definição de corpo

Podemos então definir corpo como **substância de extensão limitada**, o que equivale a dizer: substância com figura. Observamos que tudo o que existe corporeamente tem extensão, e a extensão precisa ser limitada em função da impenetrabilidade da matéria; se existisse um corpo de extensão ilimitada (nas três dimensões), não seria possível que nenhum outro corpo existisse, limitado ou ilimitado. Mesmo que supuséssemos a existência de um corpo ilimitado em uma ou duas de suas três dimensões, nunca observamos a existência de um corpo assim, nem jamais foi provada a necessidade de que ele exista.

Observamos ainda que todos os corpos podem sofrer mutações, mas que a própria permanência dos corpos no tempo pressupõe a existência de um substrato que não muda. Isto é, se alteramos o local, a quantidade ou a qualidade de um corpo, é preciso que um substrato tenha permanecido o mesmo, a fim de receber todas estas alterações.

Se o substrato mudasse totalmente, seria outra coisa. Aqui voltamos ao ponto em que a matéria, ou substrato, pode ser vista como uma definição formal. O algodão é a matéria da camisa. Algum vegetal é a matéria do algodão, e assim sucessivamente até chegarmos ao ponto da matéria inqualificada. Para efeitos da presente análise, vamos nos concentrar na manifestação corpórea.

A partir desta definição, podemos examinar as quatro qualidades sensíveis, que são na verdade dois pares de qualidades complementares: umidade x secura e calor x frieza. Decorrem da definição de corpo e podem portanto ser observadas em qualquer corpo, em graus diferentes, sem que exista um absoluto: nenhum corpo é tão úmido que não tenha nenhuma secura, e vice-versa, o mesmo valendo para as demais qualidades. Umidade e secura estão relacionadas à capacidade do corpo de dar-se um limite próprio; e calor e frieza à divisibilidade de sua figura.

1. O limite da extensão

O limite da extensão é uma característica dos corpos que admite duas distinções, porque existem duas espécies diferentes de limite. Alguns corpos têm o limite determinado por si mesmos; outros têm o limite determinado por um agente externo. Um copo tem em si mesmo o limite da sua extensão, sua figura; a água que está no copo assume a figura do copo. Se fosse colocada numa piscina, teria a forma da piscina; se fosse colocada nas mãos em concha, teria a figura de mãos em concha.

1.1. Umidade

É a impossibilidade de um corpo de dar limite próprio à sua figura, que passa a ser determinada por outro. O ar de uma sala, por exemplo, só é determinado pela figura da sala: paredes e teto. Trata-se de uma mudança de espécie para o limite da extensão do corpo, mas não para o próprio corpo.

1.2. Secura

É a capacidade de um corpo de dar limite próprio à sua figura. A sala onde está o ar mantém a sua figura por si mesma, ao contrário do ar: ela é seca.

2. Divisibilidade da extensão

A própria noção de extensão supõe a noção de divisibilidade. Porém, alguns corpos são naturalmente inclinados a manter-se indivídidos enquanto outros tendem a dividir-se.

2.1. Calor

É a qualidade pela qual um corpo tende a separar suas partes, ou dividir sua figura. Basta ver que tudo que recebe calor se desfaz de algum modo: a água evapora, a comida cozinha, o papel queima e se faz em mil pedaços.

2.2. Frieza

É a qualidade pela qual um corpo tende a manter as próprias partes juntas, ou não dividir sua figura. Se ao receber calor as coisas se desfazem, enquanto estão frias tendem a permanecer as mesmas: não é à toa que o congelamento é uma maneira de

preservação, tanto para a comida no congelador como para os cadáveres de animais antigos que podem ser encontrados em geleiras.

Um exemplo

Vamos descrever um corpo qualquer segundo as quatro qualidades, para que elas fiquem mais claras. Podemos tomar uma camisa. A camisa, a menos que esteja velha e acabada, mantém-se inteira – suas partes continuam se atraindo, demonstrando *frieza*. Como a camisa também não assume definitivamente a figura de uma tartaruga nem de uma calça, mas continua com figura de camisa, demonstra *secura*. Mas a camisa se deforma um pouco: podemos dobrá-la, por exemplo; e também, quando a vestimos, especialmente se estivermos com aqueles quilinhos a mais, ela pode ficar um pouco esticada: eis aí o componente de *umidade*. A qualidade *calor* pode ser um pouco difícil de perceber, mas basta dar-se conta de que tudo neste mundo tende a se desfazer, e um dia até a melhor das camisas estará esburacada, ou seja, suas partes terão se repellido.

Como vemos aqui, pode ser que um objeto tenha uma qualidade em grau muito pequeno. Onde está, por exemplo, a umidade do diamante? Está na sua possibilidade de ser moldado por uma broca também feita de diamante.

Os quatro elementos

Cada um dos elementos é composto da união de duas qualidades sensíveis, sendo uma predominante. São chamados ar, água, fogo e terra porque aqueles corpos que na linguagem comum recebem os mesmos nomes representam de maneira exemplar a união destas qualidades. Todos os corpos, porém – inclusive o corpo ar, o corpo água, o corpo fogo e o corpo terra – são compostos dos quatro elementos.

Ar

É a reunião de **umidade** e **calor**. O corpo ar, exemplo natural, não tem um limite próprio, assumindo totalmente a figura de seu continente. Se está numa sala, tem a figura da sala; se está no pulmão, tem a figura do pulmão. É **por isso o mais úmido dos elementos e a umidade é sua qualidade predominante**. Quanto ao calor, vemos que o corpo ar deixa suas partes com muita facilidade: só é possível conter o ar através de força, e com o uso de instrumentos específicos para este fim – compressores.

Água

É a reunião de **umidade** e **frieza**. O corpo água, exemplo natural, praticamente não tem um limite próprio – só a sua superfície. A água tem sua figura determinada pelo recipiente que a contém, mas a sua superfície torna-se espontaneamente plana; por isso, o ar é mais úmido do que a água. A água também tende a permanecer com as partes unidas; vemos que, se colocarmos duas gotas de água lado a lado, uma será atraída pela outra e logo teremos uma só gota. A água também desce toda para um lugar só; **sua qualidade predominante é a frieza**.

Fogo

É a reunião de *secura* e *calor*. Vemos que o corpo fogo mantém-se inteiro na figura da labareda – por isso é seco. O fogo se extingue: suas partes se separaram, e as partes daquilo que entrou em contato com o fogo, adquirindo calor, também se separaram. Sua qualidade predominante é o calor.

Terra

É a reunião de *secura* e *frieza*. Assim como o ar, é um elemento que não sugere tensão (aliás, ar e terra se parecem com o par movimento e repouso, isto é, o movimento espontâneo e livre, e o repouso espontâneo e livre), como se vê no próprio corpo terra: nunca muda de figura, nem tem as partes separadas, até que outro venha e a altere. Sua qualidade predominante é a *secura*.

Os quatro temperamentos

Dos quatro elementos a medicina antiga derivou quatro humores básicos, e deles quatro temperamentos. Vamos considerar rapidamente cada um deles, pois conhecimento do temperamento é fundamental para a astrologia natal; para tanto, levemos em conta a divisão proposta por John Frawley nos quatro tipos representativos dos temperamentos, os guerreiros, os escribas, os fazendeiros e os escravos.

Colérico – Fogo

O colérico é o tipo do guerreiro. É o sujeito que tem muita energia para gastar. O fogo é quente. Por isso também o guerreiro destrói, e não constrói. Ele afasta as partes. O fogo é seco, isto é, o ideal é que o guerreiro mantenha a sua figura, senão ele morre e não vai mais guerrear. Além disto, o guerreiro normalmente defende algum ideal, o qual dá a medida da sua integridade em outro sentido.

Sangüíneo – Ar

O ar é quente, repele as partes; e úmido, não determina a sua figura. Este temperamento é portanto o mais adaptável em si. É possível dizer que, ao menos na literatura vulgar de Recursos Humanos, hoje em dia as corporações esperam de seus empregados que sejam mais sangüíneos. O colérico quer briga, ele se distingue pelo ardor. O melancólico quer continuar o mesmo; para mudar ele precisa incorporar a mudança a si. Já o sangüíneo se adapta às circunstâncias, mas para contorná-las, em vez de atacá-las frontalmente. Seu tipo é o do escriba bem no sentido das profissões contemporâneas associadas a escrever, como o jornalismo. O elemento ar também está associado a tudo o que é mental.

Melancólico – Terra

A terra é fria, ela mantém as suas partes reunidas, e também é seca, não muda de figura. Daí podemos ver que o sujeito melancólico é o que só faz o que quer, na hora que quer, e que pode até não ter muita vontade de fazer nada. A melancolia romântica,

porém, é um excesso, uma patologia da melancolia. Se o colérico só faz o que quer, ele se move com mais facilidade à alguma ação do que o melancólico. Os melancólicos não se alteram muito. Daí que seu tipo seja o do fazendeiro: diante da terra, que tem seus ritmos próprios, não há muito o que fazer – ou ao menos não havia quando estes simbolismos foram elaborados, antes da engenharia genética etc. Assim, o fazendeiro é também o mais “conservador” de todos os tipos – o que não deve ser entendido no sentido político, é claro.

Fleumático – Água

A água é fria, atrai as partes, e úmida, não determina a sua figura. Por isso que o temperamento fleumático é o emocional, as emoções são aquáticas. Sentir uma emoção é estar sempre em si mesmo e ao mesmo tempo não determinar bem os limites deste si mesmo, porque você é afetado por algo que em princípio não é você, mas quando você é afetado aquilo passa a ser você de algum modo. John Frawley é um fleumático, e associa este tipo aos escravos porque estes viveriam em função de seu próprio corpo, dominados por instintos que teriam que ser controlados desde fora, isto é, pelos senhores¹.

As quatro causas

(Discutidas por Aristóteles em *Physics, Book 2, Chapter III*; não há notícia de tradução portuguesa.)

Como tudo o que é 4 é derivado do 2, as quatro causas são derivadas da dualidade ato x potência. Vamos lembrar que ato é aquilo que é, e potência é aquilo que pode ser. Uma cadeira é cadeira em ato, e é lenha potencial; uma mulher é mulher em ato, e é potencialmente mãe.

Para derivar as quatro causas das noções de ato e potência, vamos observá-las com mais atenção, verificando que é possível colocar um par no pólo ativo, determinante, ou essencial, e colocar um par no pólo passivo, determinável, ou substancial. Associando obviamente o ato ao pólo ativo e a potência ao passivo, e já fazendo uma subdivisão, temos:

Ato	Potência
Ato do que é em ato	Ato do que é em potência
Potência do que é em ato	Potência do que é em potência

Assim, podemos definir as quatro causas de Aristóteles da seguinte maneira:

¹ Que fique maximamente claro que eu, PSC, ao trazer este grupo de analogias, não apóio a sociedade de castas hindu, nem a divisão da sociedade em castas formalmente estabelecidas; ainda que os tipos humanos existam, uma transposição desta estrutura em uma estrutura jurídica formal parece monstruosa.

Causa formal

É o ato daquilo que é em ato. É a própria forma do ente. Sem forma, ou essência, nada de ente. Definimos o ente antes pela forma, e só incluímos a matéria na definição dos entes materiais, como observa São Tomás de Aquino em *O Ente e a Essência*². Uma xícara, para ser xícara em ato, precisa ter *forma* de xícara, e esta é que determina a matéria da xícara – vidro, porcelana etc.

Podemos associar a causa formal à *secura* porque ela é que dá a delimitação própria do ente; este vaso e não aquele vaso, esta xícara e não aquela xícara. No caso de xícaras do mesmo modelo (de entes da mesma espécie), precisamos observar que eles são “individuaados” pela matéria ou substância, isto é, foi esta porção de porcelana que deu origem a esta xícara. Mas a porcelana poderia ter se tornado outra coisa, portanto sua delimitação continua na forma da xícara.

Causa final

É a potência daquilo que é em ato. Isto é, temos um ente, e podemos dizer que ele foi feito para alguma coisa, para cumprir um determinado fim, mas pode ser que ele não o cumpra. A xícara é ordenada para o ato de beber, mas não cumpre esta função o tempo todo; durante a maior parte do tempo, o cumprimento de sua finalidade é só uma potencialidade.

A teologia católica diz que todos fomos ordenados para a santidade, mas poucos chegaram lá. Para o resto, a santidade é só uma potencialidade. Do mesmo modo, podemos pensar naquele objeto que compramos e nunca usamos. Ele existe enquanto objeto, tem a forma de objeto, mas nunca “cumpru sua missão”.

Podemos associar a causa final à *frieza* porque todo ente de alguma maneira se inclina para a realização de sua finalidade.

Causa material

É a potência daquilo que é em potência. É simplesmente aquilo que pode ser transformado em algo. São Tomás de Aquino diz também, nos *Princípios da Natureza*, que “matéria é aquilo de que as coisas são feitas”. É o substrato, a substância mesma. Na xícara, é o vidro ou a porcelana, em estado informe, isto é, sem forma.

Podemos associá-la à *umidade* porque ela é em si indistinta e “ilimitada”, representando a própria possibilidade de receber determinações.

Causa eficiente

É o ato daquilo que é em potência. É a própria transformação daquela potencialidade em algo. Podemos dizer que a causa eficiente de um vaso é o oleiro, que está em ato em relação ao barro. O barro só recebe a operação do oleiro, ele só é a causa material

² Existem várias traduções portuguesas de *O Ente e a Essência*, mas a melhor é a de D. Odilão Moura, OSB.

Presença: Rio de Janeiro, 1981. É importante frisar que São Tomás não usa a palavra “essência” no mesmo sentido que nós aqui; para ele, “essência” é o ato de ser do ente, não se identificando nem com sua forma nem com sua matéria.

do vaso. O mesmo com a xícara: há um fazedor de xícaras que faz com que a xícara potencial surja da porcelana, que é apenas sua causa material.

Podemos associar a causa eficiente ao **calor** porque ela é que remove da matéria aquilo que é contrário à forma do ente.

Descrevendo algo nos termos das quatro causas

Existe um verso de W. B. Yeats que contém uma pergunta, “How can we know the dancer from the dance?”, “Como distinguir a dança da dançarina?”, e podemos respondê-la usando as quatro causas.

Numa dança, a causa final é a evidenciação de uma idéia, ou proporcionar algum prazer à platéia. De qualquer modo, a causa final de um espetáculo de dança está na platéia, e não na dançarina. A causa material é o corpo da dançarina, que é capaz de reproduzir ou manifestar os movimentos que compõem a dança. A causa formal é a coreografia. A causa eficiente é a vontade da dançarina que opera sobre seu corpo e sobre o espaço em que dança.

Podemos, depois de ter feito todas estas distinções, rever a tabela mesma de associações:

Masculino – Ato		Feminino – Potência	
Ato	Potência	Ato	Potência
Calor	Frio	Secura	Umidade
Fogo	Água	Terra	Ar
Verão	Inverno	Outono	Primavera
Cheia	Nova	Minguante	Crescente
Eficiente	Final	Formal	Material

Quatro qualidades divinas

Podemos ainda fazer uma analogia entre os quatro elementos e quatro qualidades divinas: Infinito, Absoluto, Princípio e Fim. Trata-se de uma analogia porque em Deus estas qualidades estão presentes simultaneamente, mas na manifestação elas estão separadas.

Absoluto	Secura	Terra	exclusão do relativo / pureza divina
Infinito	Umidade	Ar	inclusão das perfeições / infinitude divina
Princípio	Calor	Fogo	Força realizadora / força criadora
Fim	Frieza	Água	centro de atração / atratividade divina

A qualidade sensível **secura**, que é a determinação própria da figura, está relacionada à qualidade divina de exclusão do relativo. A secura, por ser determinação

própria da figura, é a exclusão das outras figuras; o que é seco tem uma figura determinada por si, e outras possibilidades de figura estão excluídas.

A qualidade sensível **umidade**, que é a não-determinação própria da figura, está relacionada à qualidade divina de inclusão das perfeições. A umidade, por ser indeterminação própria da figura, é a inclusão de muitas possibilidades de figura.

A qualidade sensível **calor**, que é a tendência a separar as partes, está relacionada à qualidade divina de força criadora. O calor, por ser a tendência a se dividir em partes, é 'criação' de várias partes que se desligam, transmitindo a idéia de que algo é criado no processo de divisão.

A qualidade sensível **frieza**, que é a tendência a unir as partes, está relacionada à qualidade divina de centro de atração. A frieza, por ser tendência a unir as partes, transmite a idéia de que estas partes se unem num 'fim comum'.

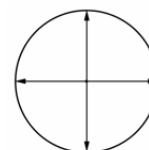
Revisão dos quatro elementos & associação com qualidades divinas

Vamos agora tentar aprimorar a imagem que temos dos elementos e das qualidades divinas, tentando entender a sua tensão própria através das relações possíveis entre uma circunferência e seu centro, utilizando esta imagem para representá-los.

Fogo / Força criadora: o centro expulsa o círculo.

Secura → Delimitação própria

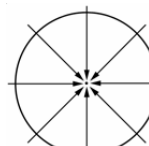
Calor → Repulsão das partes



Terra / Pureza: o círculo comprime o centro.

Secura → Delimitação própria

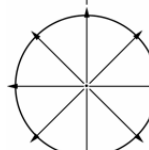
Frieza → Atração das partes



Ar / Inclusividade: o círculo puxa o centro para fora.

Umidade → Indelimitação própria

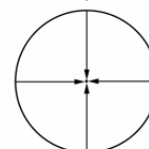
Calor → Repulsão das partes



Água / Atratividade: o centro atrai o círculo.

Umidade → Indelimitação própria

Frieza → Atração das partes



A importância de entender estas associações é a seguinte: como os signos não são feitos de quatro elementos, só podemos dizer que eles são de fogo, terra, ar ou água *por analogia*, mas podemos dizer com mais propriedade que eles manifestam as qualidades da tabela acima.

V. Os signos

Os doze signos também podem ser vistos pela combinação das quatro qualidades divinas com o ternário fundamental:

A Áries	unidade da força criadora
B Touro	bondade da pureza divina
C Gêmeos	verdade da infinitude divina
D Câncer	unidade da atratividade divina
E Leão	bondade da força criadora
F Virgem	verdade da pureza divina
G Libra	unidade da infinitude divina
H Escorpião	bondade da atratividade divina
I Sagitário	verdade da força criadora
J Capricórnio	unidade da pureza divina
K Aquário	bondade da infinitude divina
L Peixes	verdade da atratividade divina

Os signos são modos do ser engendrados a partir da incidência da ternariedade sobre a quaternariedade. A imagem de cada signo fica mais clara se entendermos a quaternariedade a partir dos quatro elementos:

Signo	Elemento	Qualidade
A Áries	Fogo	Unidade / Cardinal
B Touro	Terra	Bondade / Fixo
C Gêmeos	Ar	Verdade / Mutável
D Câncer	Água	Unidade / Cardinal
E Leão	Fogo	Bondade / Fixo
F Virgem	Terra	Verdade / Mutável
G Libra	Ar	Unidade / Cardinal
H Escorpião	Água	Bondade / Fixo
I Sagitário	Fogo	Verdade / Mutável
J Capricórnio	Terra	Unidade / Cardinal
K Aquário	Ar	Bondade / Fixo
L Peixes	Água	Verdade / Mutável

Que ninguém conclua que as pessoas dos signos de Touro, Leão, Escorpião e Aquário são mais bondosas. Unidade, bondade e verdade não são qualidades morais, são simplesmente tipos de diferenças ou modelos de diferenciação.

Obs: A base da consideração dos frutos do Espírito Santo está na questão 70 da 1ª Parte da Suma Teológica de São Tomás de Aquino.

A Áries

Qualidade do ternário: **unidade**, evidenciada pela distinção do meio.

Qualidade do quaternário: **força**.

Elemento: **fogo**. Calor: repulsão das partes. Secura: autodeterminação da própria figura.

Imagens arianas

- O relâmpago. Manifesta a unidade evidentemente, pois apenas distingue-se subitamente de todo o meio e depois some, transmitindo também a idéia de força; por sua figura definida e pela destruição que causa, também podemos dizer que ele é seco e quente, sendo portanto ígneo.

- O guerreiro. Numa batalha, cada luta particular parece um centro distinto dos demais. Cada ato particular de bravura também se distingue dos atos “normais” da batalha, em que se mata ou fere por necessidade ou dever. A bravura leva o homem além do que se esperaria no cumprimento do dever, distinguindo-o. O guerreiro deve ser obviamente forte, também; e deve manter sua figura intacta – deve ser seco – e repele suas partes ou sai de si mesmo, sem repousar, atacando os demais, cujas partes são fisicamente repelidas. O guerreiro é como um pequeno relâmpago, e não custa notar que deuses guerreiros costumam trazer relâmpagos nas mãos (como Zeus, que não é um deus sapiencial e absoluto, mas um aristocrata do Olimpo, o “rei dos deuses” e como rei, um membro da casta guerreira); as tribos de índios da América do Norte também chamavam algumas de suas armas de “relâmpagos” (*thunderbolts*). Além disto, uma arma que manifesta o signo de Áries, tendo até a mesma raiz etimológica, é o ariete.

- Se fôssemos pensar em um personagem de cinema, após todas estas descrições, é difícil não lembrar de Conan, o Bárbaro.

- O animal que também é o símbolo de Áries é o carneiro, ágil e esquentado.

- No hemisfério norte, o fenômeno natural que corresponde a Áries é o primeiro mês da primavera, em que a vegetação irrompe da paisagem adormecida do inverno. No hemisfério sul, “as águas de março fechando o verão”, as fortes e rápidas chuvas que marcam o fim do verão e o início do outono.

Pessoas arianas

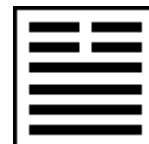
Nota: quando dizemos que alguém é “ariano”, “taurino”, “libriano” etc., queremos dizer que, quando esta pessoa nasceu, o Sol estava no signo de Áries, Touro, Libra etc. Sendo o Sol o mais brilhante dos astros (o que ninguém disputaria), podemos dizer que, ao menos em princípio, as características deste signo ficarão mais evidentes no comportamento de cada um. No futuro, estudaremos com bastante precisão o significado do Sol em cada signo.

Pessoas arianas, que não necessariamente são guerreiras, costumam manifestar as qualidades de Áries através de uma grande **espontaneidade**. Ser espontâneo é justamente não ser calculado, e ser de certo modo descontínuo. Quer dizer, o ariano deseja alguma coisa neste momento, e precisa realizar seu desejo imediatamente; coloca-se inteiramente naquela ação, como se somente o aqui e o agora existissem. Depois, terá outro desejo, dissociado do anterior, e fará tudo do mesmo jeito, vivendo uma coisa de cada vez. Por isso, também, os arianos não costumam guardar rancor, e quando brigam logo ficam calmos.

Hexagrama do I Ching: 34. Ta Chuang: o poder do grande

“A perseverança é favorável.

“Este hexagrama indica uma época em que os valores internos ascendem vigorosamente e alcançam o poder. Mas a força já ultrapassou a linha mediana e por isso se corre o perigo de confiar inteiramente no seu próprio poder sem se preocupar com o que é correto. Há também o risco de se pôr em movimento sem esperar o momento adequado. Por isso, acrescenta-se a frase: ‘a perseverança é favorável’. Pois o poder verdadeiramente grande não degenera em mera violência, mas permanece internamente ligado aos princípios do bem e da justiça. Quando se compreende que a grandeza e a justiça devem estar inseparavelmente unidas, então se poderá compreender o verdadeiro sentido de tudo o que ocorre no céu e na terra.”³



Não podemos esquecer, em primeiro lugar, que o I Ching é um oráculo, e que ele fornece conselhos para aqueles que perguntam. Como o ariano é espontâneo e tende a agir sem pensar, a atirar primeiro e perguntar depois, o hexagrama, ao mesmo tempo que indica poder e grandes possibilidades, também recomenda cautela, pois quando atos justos, retos, verdadeiros são praticados, o poder é muito mais poderoso, pois manifesta o Tao.

Fruto do Espírito Santo: caridade

A caridade é justamente o amor de amizade para com Deus, que preenche o coração e inspira a dedicar cada um dos atos particulares a Ele. “Não sou eu mais que vivo, é o Cristo que vive em mim”, diz São Paulo, e Cristo disse: “Pai, seja feita a Tua vontade”.

³ A referência é o *I Ching* publicado pela editora Pensamento.

B Touro

Qualidade do ternário: **bondade**, a manifestação de uma essência, o efeito em outro objeto.

Qualidade do quaternário: **pureza**.

Elemento: **terra**. Frieza: atração das partes. Secura: delimitação própria.

Imagens taurinas

- Coisas pequenas, delicadas e agradáveis, como certas comidas, sobretudo as bonitas e coloridas, como balas. A comida exerce um efeito evidente sobre quem come(bondade), no sabor, na textura e no peso e consegue atrair e ser um objeto distinto ao mesmo tempo.

- Perfumes. O perfume, além de ser ainda mais distinto do que a comida, manifesta sua essência pelo cheiro, no nariz de quem cheira, transmite a idéia de pureza, porque precisa excluir as imperfeições para se manifestar (os cheiros ruins).

- Sofás e todo tipo de coisa confortável que convide ao repouso. Casinhas com lareiras. Repousar é justamente manter as próprias partes unidas, sem nada que ameace a sua figura. É descansar, sabendo que nada vai acontecer.

- O animal correspondente: o touro. O touro repousa. Parece que o repouso do touro sobre si mesmo termina na pessoa que o observa; temos a impressão de “sentir” o peso do touro em nós, ou ao menos uma extensão dele, numa experiência análoga a de ouvir de longe o impacto de algo pesado; é como se a queda se prolongasse até nós. Além disso, quando o touro sai do repouso e fica bravo, não se acalma logo: ou morre na mão do toureiro, ou mata-o, podendo até sair desembestado pela cidade.

- Fenômenos naturais: no Brasil, a estabilidade da vegetação. No hemisfério norte, o momento em que os vegetais fortificam suas raízes.

Pessoas taurinas

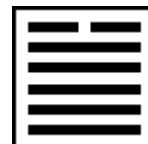
Parece que a pessoa de “jeito” mais taurino que jamais existiu foi **Audrey Hepburn** (que de fato nasceu no dia 3 de maio). Além de ser delicada e pequena, parecia que sua beleza repousava nela mesma, como se tivesse vindo ao mundo para ser bonita e mais nada. Aliás, é comum que as coisas muito bonitas pareçam ter uma espécie de “repouso excludente”, isto é, como se fossem um sinal tranqüilo de que toda a beleza necessária está ali.

É comum vermos que as pessoas taurinas não mudam muito no que diz respeito às suas disposições



internas. Se você pisar no calo de um taurino, ele nunca esquecerá aquilo; e mesmo que depois ele volte a gostar de você, não esquecerá que um dia você pisou no seu calo. Se os arianos brigam e esquecem, os taurinos não: eles ficam de cara amarrada por dias – ou seja, são secos (mantêm a figura) e frios (atraem as partes). Alguém poderia pensar também que eles são persistentes, mas na verdade eles são inertes, seja no repouso ou no esforço. O taurino não vai se inclinar numa direção se não for para seguir o caminho até o fim. Taurinos ainda são amigos de tudo o que é agradável: restaurantes, quadros, músicas bonitas, cadeiras confortáveis, paisagens.

Hexagrama do I Ching: 43. Kuai: Irrromper



“Deve ser exposto com veracidade. É favorável empreender algo.

“Ainda que um só homem inferior ocupe uma posição influente numa cidade, ele poderá oprimir os homens superiores. Ainda que uma só paixão subsista no coração, ela poderá obscurecer a razão. Paixão e razão não podem coexistir, portanto uma luta sem tréguas é necessária para que o bem prevaleça. Num combate tenaz do bem contra o mal há, porém, regras precisas que devem ser respeitadas para que se possa alcançar o sucesso: 1) A determinação deve basear-se numa união da força com a amabilidade. 2) Não é possível um compromisso com o mal; ele deve ser abertamente desacreditado, sejam quais forem as circunstâncias. Nem se deve procurar encobrir suas próprias faltas e paixões. 3) A luta não deve ser conduzida diretamente através da violência. Quando o mal é denunciado e acusado, tende a reagir recorrendo às armas. Se lhe fazemos o favor de responder golpe por golpe, ao final sairemos perdendo, pois seremos envolvidos por ódio e paixão. Por isso é necessário começarmos por nós mesmos, evitando cometer os erros que censuramos. Não encontrando adversário, as armas do mal perdem naturalmente seu caráter cortante. Do mesmo modo não devemos combater diretamente nossos próprios defeitos. Enquanto insistirmos em desafiá-los, permanecerão sempre vitoriosos. 4) A melhor maneira de combater o mal é procurar progredir com energia na direção do bem.”

O I Ching deixa bem clara a noção de **pureza** em sua recomendação, avisando que a melhor maneira de consegui-la – vencer o mal, expulsar as impurezas – é fixar-se no bem. A idéia é exatamente a de seguir resolutivo numa determinada direção, sem dar atenção aos males ocasionais, sem deixar que eles sejam “pedra de tropeço”.

Fruto do Espírito Santo: gozo

O gozo ou alegria é aquilo que o amante sente na presença do amado. O amado, Deus, se manifesta pela presença do fruto da caridade, e a alma se regozija com sua presença. Alguns poemas de São João da Cruz manifestam bem esta idéia. Citemos as estrofes finais de “Cântico”:

“Gocémonos, Amado,
y vámonos a ver en tu hermosura
al monte y al collado,

do mana el agua pura;
entremos más adentro en la espesura.

“Y luego a las subidas
cavernas de la piedra nos iremos
que están bien escondidas,
y allí nos entraremos,
y el mosto de granadas gustaremos.

“Allí me mostrarías
aquello que mi alma pretendía,
y luego me darías
allí tú, vida mía,
aquello que me diste el otro día.

“El aspirar el aire,
el canto de la dulce filomena,
el soto y su donaire
en la noche serena,
con llama que consume y no da pena.”

C Gêmeos

Qualidade do ternário: **verdade**, evidenciada pela comparação com um modelo.

Qualidade do quaternário: **inclusividade**.

Elemento: **ar**. Calor: repulsão das partes. Umidade: a figura é determinada por um agente externo.

Imagens geminianas

- A linguagem é geminiana. Ela se assemelha mais à verdade porque as palavras são justamente o suporte material das idéias das coisas. No hinduísmo, por exemplo, acredita-se até que as palavras do sânscrito sejam efetivamente correspondentes às essências das coisas, como se fossem as coisas mesmas só que no plano da linguagem. Além disso, a linguagem é úmida, cobrindo – ao menos em princípio – todo o espectro da realidade humana, nomeando coisas boas e más, sem recusar nenhuma, e a umidade é a qualidade predominante do ar.

- O símbolo de gêmeos são dois traços verticais, mas é mais exato representá-lo por dois traços horizontais, pois os gêmeos não são da mesma natureza – um é imortal, e o outro mortal, como Castor e Pólux. A palavra não é da mesma natureza que a coisa. Aquilo que se pensa não é da mesma natureza que aquilo que se vê.

Pessoas geminianas

A primeira qualidade geminiana é a **curiosidade**. Se a verdade se evidencia pela comparação com um modelo, o geminiano quer incluir todos os modelos possíveis, quer mexer nas coisas para compará-las com o que pensou delas. Disso resulta também que o geminiano fique um tanto cético: ele é capaz de conceber muitas coisas, muito mais do que ele é capaz de realizar ou ver com seus próprios olhos. Como disse o geminiano Fernando Pessoa, “nós temos duas vidas: uma que é vivida, e outra que é pensada”. Isto aparece também na conhecida história de São Tomé – de quem, aliás, a própria Bíblia diz: “Tomé, chamado o gêmeo” – após a ressurreição de Cristo. Ele encontra as mulheres, que lhe dão o testemunho, mas diz que só crerá quando vir o Cristo em pessoa. Não se trata de malícia, ou de má disposição, apenas de uma desconfiança natural em relação ao que se diz, pois o geminiano, mais do que todos, sabe que é muito fácil falar. Isto faz também com que os geminianos sejam bons em discussões, pois sempre concebem antecipadamente várias possibilidades de argumentos, sem se irritar; e podem ser extremamente ferinos sem perceber, pois dão às palavras um valor muito menor do que as pessoas normalmente dão. Para o geminiano, as palavras são apenas um meio para provocar uma reação em alguém, e nunca um juízo final e completo – até porque, se você pedir a opinião de um geminiano a respeito de algo, ele dará uma diferente a cada dia, de acordo com o que ele estiver pensando no momento.

Um personagem geminiano, conhecido de todos, é McGyver, o herói da série “Profissão: Perigo”. McGyver era capaz de conceber zilhões de maneiras de transformar quaisquer objetos à mão em instrumentos para a consecução de seu fim.

Hexagrama do I Ching: I. Ch’ien. O Criativo



“Promove sublime sucesso, favorecendo através da perseverança.

“(…) O começo de todas as coisas jaz, por assim dizer, no além, na condição de idéias que estão ainda por se realizar. Mas o Criativo tem também o poder de dar forma a esses arquétipos das idéias. Isso é indicado na palavra “sucesso”. Esse processo é representado por uma imagem da natureza: as nuvens passam, a chuva atua, e todos os seres individuais fluem para as suas formas próprias.”

Observemos que no hexagrama os dois trigramas – isto é, as três linhas de baixo e as três linhas de cima – representam o céu, que na filosofia chinesa significa justamente o conjunto de todas as formas ou essências, bem como o poder de manifestá-las.

É mais fácil entender os fenômenos naturais depois de considerarmos o hexagrama do I Ching: no hemisfério norte, temos “o apogeu da primavera”, o ponto onde a vegetação mais tende para a exuberância, antes da estabilização do verão. No sul, os ventos do outono retiram as folhas secas e limpam a vegetação, tornando-a mais conforme ao seu modelo, e evidenciando as suas possibilidades.

Fruto do Espírito Santo: paz

Paz é a perfeição do gozo, é estar livre de qualquer distúrbio, é ter uma espécie de “repouso no gozo”.

D Câncer

Qualidade do ternário: **unidade**, evidenciada pela distinção do meio.

Qualidade do quaternário: **atratividade**.

Elemento: **água**. Frieza: atração das partes. Umidade: a figura é determinada por um agente externo.

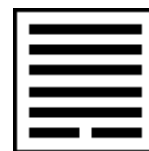
Imagens cancerianas

- O símbolo do signo de Câncer são as garras do caranguejo, animal que é evidentemente úmido e frio, pois tem um corpo mole e “comprimível”, que recolhe para resguardar sua unidade. O fato de os caranguejos andarem para trás, também, os distingue do meio, pois é absolutamente incomum que um animal cause esta impressão.
- Uma ostra também é canceriana porque tem um corpo úmido e frio, resguardado por uma casca.
- A idéia de proteção cuidadosa é eminentemente canceriana. As mães são “cancerianas”, pois protegem seu bebê; a distinção do meio vem da percepção de que, para algo tão delicado como um bebê (ou o corpo mole de um molusco) quase qualquer meio é naturalmente hostil, sendo necessário compor uma unidade à parte para continuar existindo.
- Fenômenos naturais: no hemisfério norte, a natureza como que cuida dos frutos para que eles amadureçam; no sul, a natureza se recolhe, como que contendo as forças vitais em seu interior e distinguindo-se do homem.

Pessoas cancerianas

Os cancerianos são aqueles que mais têm consciência daquilo que lhes é semelhante ou contrário. As coisas semelhantes são aquelas na qual ele percebe a sua unidade, e as coisas hostis são aquelas que ameaçam sua unidade. Para que o canceriano faça alguma coisa, ele precisa entender qual é a relação dele com aquela coisa, e admitir que a modificação que a coisa vai causar nele não é um elemento estranho, mas algo que ele já compreende. É por isto que os cancerianos costumam viver em seus “cantinhos”: porque há certos lugares com os quais eles já se identificam, como sua casa, seu quarto etc; dentro de casa, uma determinada poltrona ou outro lugar; fora de casa, um determinado restaurante, por exemplo, e dentro desse restaurante, uma determinada mesa. O canceriano quer perceber o elemento de continuidade entre os seus desejos, que é a sua própria pessoa, para poder fruí-los; ele de certo modo vê a si mesmo fruindo determinada coisa, e quando vê que é ele mesmo – e não um elemento estranho – que frui, atinge a satisfação.

Hexagrama do I Ching: 44. Kou. Vir ao encontro.



“A jovem é poderosa. Não se deve desposá-la.

“Este hexagrama indica uma situação em que o princípio obscuro, após ter sido eliminado, ressurge furtiva e inesperadamente no interior, abaixo. O princípio feminino, por sua própria iniciativa, vai ao encontro do masculino.⁴ A ascensão de elementos inferiores é aqui representada por uma jovem insolente que facilmente se entrega para alcançar o poder. Isso não seria possível se o forte e luminoso não tivesse também por sua vez vindo a seu encontro. As coisas vulgares aqui parecem tão inócuas e convidativas que o homem busca nelas um deleite. Parecem tão diminutas e débeis que ele julga poder se distrair com elas impunemente. O inferior ascende apenas porque o homem superior o considera inofensivo e lhe concede poder. Caso lhe fosse oferecida resistência desde o início, nunca chegaria a ter influência.”

Um pequeno gosto pode se transformar num hábito, e este hábito pode modificar a alma. O pequeno gosto que parece inofensivo na verdade é hostil à alma; se a pessoa não se identificasse com ele desde o início, ele não poderia deitar as raízes que acaba deitando. Quando entra um grão de areia na ostra, acaba crescendo e se transformando numa pérola – algo valioso aos olhos dos homens, mas que é um elemento estranho à ostra: por mais assimilado que tenha sido, a pérola compõe uma unidade distinta. A pérola e o hábito são, por assim dizer, uma “segunda natureza”.

Fruto do Espírito Santo: paciência

Paciência é justamente a capacidade de não se alterar diante da ameaça do mal e dos distúrbios, isto é, a capacidade de manter-se em paz. A mãe é paciente com o filho, e não se altera com sua ignorância ou mesmo com sua insolência. Ela tolera o mal do filho, e faz com que ele se identifique cada vez mais com o bem, que é como a verdadeira “figura” de sua alma, do que os vícios. O mal é expulso ao ser identificado com o meio, enquanto a alma se distingue.

⁴ É como a Lua, regente de Câncer, no céu da noite: tudo está escuro, mas alguma claridade se insinua. Por mais brilhante que seja a Lua cheia, seu brilho nunca é comparável ao do Sol.

E Leão

Qualidade do ternário: **bondade**, a manifestação de uma essência, o efeito em outro objeto.

Qualidade do quaternário: **força**.

Elemento: **fogo**. Calor: repulsão das partes. Secura: autodeterminação da própria figura.

Imagens leoninas

- O Sol é literalmente quente e seco, aquecendo e secando tudo com seus raios. Nunca também tocamos no Sol, mas ele nos comunica a sua essência todos os dias.

- Os frutos maduros, presentes no hemisfério norte quando o Sol passa por Leão, parecem estar tesos, vivendo a tensão entre o máximo de crescimento e a sua figura natural, comunicando seu sabor à simples visão. No hemisfério sul, chegamos a um ponto em que, no meio do inverno, os raios de Sol são penetrantes, quase que “firmes”.

- O leão, símbolo do signo. Enquanto o carneiro apenas se distingue do meio, o leão impera sobre ele. Ao ver um carneiro apenas temos consciência da nossa distinção entre nós e ele; ao ver um leão, temos consciência daquilo que ele pode fazer conosco – isto é, ele projeta sua essência em nós.

- Os gestos de generosidade, pois manifestam a grandeza e a força de quem os pratica, ao mesmo tempo que estendem a alma da pessoa (“repelem as partes”), mas sem que sua presença suma (“secura”): aquele que é generoso está sempre presente na memória daqueles que beneficia.

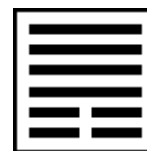
- Assim, o pai e o rei são naturalmente associados a Leão. Ambos são centros que irradiam a bondade que sustém a família ou o reino.

Pessoas leoninas

O leonino sente naturalmente que é o centro das atenções. Mas, no seu círculo mais próximo, ele não quer manifestar-se para aqueles que considera indignos, como a essência que busca uma substância adequada para manifestar-se. E, assim como a substância precisa voltar-se primeiro para a essência, adequando-se a ela, o leonino espera que primeiro alguém se volte para ele, que alguém perceba seu brilho, para então comunicá-lo plenamente. Do mesmo modo, os leões primeiro cutucam as vítimas, e só depois atacam, como se quisessem que antes elas se colocassem no papel de vítimas, para então serem dignas de ser atacadas. Este gesto de voltar-se para a essência nada mais é do que assumir a sua figura (secura) e deixar que as partes contrárias à essência sejam removidas (calor), para que se “crie” um novo ente com aquela essência (força).

Hexagrama do I Ching: 33. Tun. Retirada.*“Sucesso.*

“O poder obscuro ascende. O luminoso se retira a uma posição segura, de modo a que a escuridão não possa alcançá-lo. Esse recuo é resultante não do arbítrio humano, mas das leis que governam a natureza. É por isso que a retirada, nesse caso, é o caminho certo de ação, evitando um esgotamento.⁵ Em pequenas coisas, a perseverança é favorável. As circunstâncias são de tal ordem que as forças hostis, favorecidas pelo tempo, avançam. Neste caso a retirada é a atitude correta, levando por isso ao sucesso. O êxito consiste em afastar-se da maneira adequada. Retirar-se não é o mesmo que fugir.



Aqui a idéia é simplesmente de que, num momento de escuridão, não se deve “atirar pérolas aos porcos”, guardando o bem que há em si para comunicá-lo no momento adequado, quando o meio estiver apto a recebê-lo. Se na fuga busca-se apenas resguardar a própria unidade, na retirada busca-se comunicar ao meio a sua própria inferioridade, abandoná-la e resistir a ela até que ela naturalmente se enfraqueça por si mesma, chegando ao ponto de docilidade. A ascensão do poder obscuro também torna mais clara a sua distinção do não-obsuro, exatamente como o Sol permanece distinto das coisas, ainda que a realidade delas seja visível; o mesmo raciocínio vale para Deus e o mundo: ainda que o Criador pareça “retirado” do mundo, Ele o sustenta o tempo inteiro, e sem Ele o mundo não poderia subsistir por um só segundo.

Fruto do Espírito Santo: bondade

Bondade é o desejo de fazer o bem. Se a caridade é o amor de Deus na alma individual, que leva a atos que a manifestam em seu “estado puro”, a bondade é o desejo ativo de comunicar a caridade, não apenas através dos atos, mas fazendo com que aquele que recebe o ato de caridade conheça que é pela caridade divina que recebeu algo.

Em *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, Jean Valjean acaba de sair da prisão e é recebido na casa de um bispo, que o alimenta e deixa passar a noite. Pela manhã, o bispo percebe que todas as suas pratarias foram roubadas, e logo aparece a polícia com o criminoso nas mãos. Mas o bispo diz: “Ele não roubou nada, eu lhe dei todas as minhas pratarias”. Depois que convence os policiais e estes vão embora, Valjean vem lhe perguntar o porquê de ter feito aquilo. O bispo então lhe diz: “com este gesto, eu comprei a tua alma” – o que quer dizer: “com este gesto, eu te comuniquéi a caridade, e agora ela se impregnou em ti; não poderás ficar sem ela, nem agir sem buscar no mínimo ser fiel a ela”.

⁵ Esta observação traz à mente a imagem do Sol, regente de Leão, iluminando as coisas na terra, plenamente distinto da paisagem, subindo no horizonte.

F Virgem

Qualidade do ternário: **verdade**, evidenciada pela comparação com um modelo.

Qualidade do quaternário: **pureza**.

Elemento: **terra**. Frieza: atração das partes. Secura: delimitação própria.

Imagens virginianas

- As pedras preciosas lapidadas e as esculturas prontas transmitem a idéia de pureza, de exclusão de outras formas possíveis, ao mesmo tempo que são maciças, firmes.

- Todos os instrumentos muito precisos podem ser associados a Virgem, porque precisão é a capacidade de realizar muito bem uma mesma ação específica, e não, como Gêmeos, apenas resolver circunstancialmente os problemas.

- Por que o nome do signo é “Virgem”? A virgindade está, em primeiro lugar, intimamente relacionada com a pureza. Podemos dizer que a medida de verdade que alguma coisa vai ter está diretamente ligada à pureza da sua substância – basta lembrar de quando, anteriormente, comentamos que a pureza da água afeta o gosto da cerveja. Ou seja: quanto mais pura a água, mais puramente, mais fortemente se evidencia a cerveja.

- A alquimia é associada ao signo de Virgem porque consiste justamente em reduzir as coisas à sua substância mais fundamental, mais inqualificada, mais pura, para que elas possam receber outras essências, mais elevadas. O texto recomendado de Armand Barbault, “Os doze signos do zodíaco revelam o segredo da natureza”, conta como ele foi removendo as qualidades de certas substâncias até que elas recebessem a essência do ouro líquido.

- Fenômenos naturais: no hemisfério norte, a colheita - uma das razões possíveis de o símbolo do signo ser uma mulher com um cesto de grãos – o que também remete à idéia de “separa o joio do trigo”. No hemisfério sul, parece que os primeiros botões das flores começam a se destacar da vegetação abatida pelo inverno.

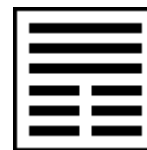
Pessoas virginianas

Os geminianos vão se adaptando às situações, e mudando conforme elas mudam; os virginianos querem algo que possa valer em todas as situações. É possível, por exemplo, fazer uma medida aproximada da posição dos planetas no céu estendendo os braços e comparando a distância dos planetas em relação ao horizonte com o tamanho dos dedos e das mãos; mas o ideal é dispor dos instrumentos apropriados para fazer isso. Para o geminiano, dizer que um planeta está “perto de 90°” pode ser suficiente, mas o virginiano quer saber exatamente a quantos graus o planeta está.

Hexagrama do I Ching: 12. P'i. Estagnação.

"Homem mau não favorece a perseverança do homem superior. O grande parte, o pequeno se aproxima.

"Céu e terra estão dissociados, e todas as coisas tornam-se entorpecidas. O que está acima não se relaciona com o que está abaixo e na terra prevalece a confusão e a desordem. O poder da escuridão está no interior e o poder da luz, no exterior. A fraqueza está no interior, a rigidez, no exterior. Os inferiores estão no interior, os homens superiores estão no exterior. O caminho dos homens inferiores está em ascensão, o caminho dos homens superiores, em declínio. Porém os homens superiores não se deixam afastar de seus princípios. Mesmo quando não podem exercer influência, permanecem leais a seus princípios e retiram-se para a reclusão."



Quando o céu – as idéias, as essências – estão separados da terra – as substâncias – nada se manifesta com clareza no mundo, e não há meio de os homens superiores comunicarem nada aos homens inferiores. Mas as idéias continuam existindo, ainda que a matéria se torne cada vez mais grosseira e não possa recebê-las.

Fruto do Espírito Santo: benignidade

A benignidade é a preocupação em realizar bem tudo aquilo que se faz. Não basta que seja feito com amor; é preciso também que a coisa feita seja perfeitamente ela mesma, não podendo ser confundida com nenhuma outra, pois cada coisa também é um modo particular da presença de Deus, distinto de outros modos.

G Libra

Qualidade do ternário: **unidade**, evidenciada pela distinção do meio.

Qualidade do quaternário: **inclusividade**.

Elemento: **ar**. Calor: repulsão das partes. Umidade: a figura é determinada por um agente externo.

Imagens librianas

- O código civil e todos os conjuntos de normas que determinam as relações. Não é à toa que a balança, símbolo de Libra, está relacionada com a justiça. Ao mesmo tempo que o código civil tenta incluir todos os casos necessários, precisa estabelecer determinações (repelir as partes), sendo também determinado pela sociedade ou, modernamente (e diabolicamente), por um ideal de sociedade perfeita. O código civil também, por sua vez, distingue-se do meio, existindo de certo modo como unidade separada da vida social, podendo até julgá-la.

- Fenômenos naturais: o equinócio, nos dois hemisférios, que sempre corresponde a um tempo que não é nem muito quente nem muito frio.

- Um equilibrista andando na corda bamba. Ele se distingue do meio (qualquer pessoa andando sobre o fio a uma altura de vários metros se distingue do meio), e para se equilibrar precisa coordenar, isto é, incluir, todos os elementos à sua volta, da posição de todos os seus membros à sua respiração. A posição de seu corpo também é determinada por um agente externo, o fio. Ele também depende, para o sucesso de sua caminhada até o outro lado, que o ar em torno permaneça em repouso.

- Um personagem que tipifica o signo de Libra é Tristão, o nobre cavaleiro amante de Isolda. Amante, e não esposo. Tristão havia sido mandado para conseguir uma esposa para seu tio, o Rei Marc da Cornualha; chegando à Irlanda, matou o dragão que assolava o lugar e conquistou a princesa Isolda como prêmio. A moça recebeu uma poção do amor, para garantir que ela e o esposo se amariam para sempre, mas ela e Tristão a beberam acidentalmente no navio de volta para casa. Assim, Tristão passou a viver dividido entre o amor por Isolda e a devoção ao tio e rei, simplesmente esperando enquanto não precisava escolher entre um de dois bens mutuamente excludentes.

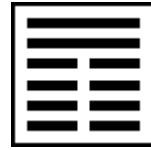
Pessoas librianas

É comum dizer que as pessoas librianas são indecisas; elas são mesmo, porque gostariam de incluir coisas que se excluem numa mesma unidade. Elas não querem apenas comparar, como gêmeos, mas incluí-las em seu ser. Enquanto um bem não vence o outro por si, elas aguardam. Um bom exemplo está na seguinte história: o pai de um amigo lhe pediu que limpasse a caixa d'água de sua casa. O amigo não queria limpá-la, e enquanto isso não fosse feito não haveria água potável na casa. A solução

que o pai libriano encontrou foi começar a comprar água mineral, para que nem ele, nem o filho, se desagradassem limpando a caixa d'água. Por fim, alguns hóspedes, já freqüentes na casa, acabaram limpando a caixa d'água e todos ficaram felizes.

Hexagrama do I Ching: 20. Kuan. Contemplação

“A ablução já foi realizada, mas ainda não a oferenda. Confiantes, eles erguem o olhar para ele.



“O ritual de sacrifício na China começava com uma ablução e uma libação, com que se invocava a divindade. Em seguida se oferecia o sacrifício. O lapso de tempo entre as duas cerimônias é o mais sagrado, o momento de suprema concentração interior. Quando a devoção é sincera, inspirada por uma fé verdadeira, sua contemplação tem um efeito transformador e inspira respeito naqueles que a presenciam. Na natureza também se observa um rigor sagrado e grave que se manifesta na regularidade com que se desenrolam todos os fenômenos. A contemplação do sentido divino subjacente à ocorrência de todos os fenômenos no universo dá, ao homem destinado a liderar os outros, meios para realizar efeitos semelhantes. Para isso é necessário a concentração interior que a contemplação religiosa desenvolve nos grandes homens, dotados de uma fé poderosa. Permite-lhes apreender as misteriosas e divinas leis da vida e, através da mais profunda concentração, chegarem a expressar essas leis em suas próprias pessoas. De sua contemplação emana um poder espiritual oculto que influencia e domina os homens, sem que eles estejam conscientes de como isso ocorre.”

Cada acontecimento do universo ocorre de acordo com uma lei, a qual faz com que o mundo inteiro permaneça equilibrado. Num momento, é necessário que um bem apareça; em outro momento chega a vez de outro bem. Somente a lei os inclui; possuir esta lei em si é ser capaz de guiar os homens, pois há a percepção de qual bem deve ser manifestado em cada momento, ora cedendo a uns, ora a outros; ora se impondo sobre uns, ora sobre outros.

Fruto do Espírito Santo: longanimidade

A longanimidade é a capacidade de adiar o recebimento de um bem. Um bem pode ser desejável por si, mas recebê-lo em determinado momento pode afetar todo o equilíbrio – da alma, da vida, ou até do mundo. Uma criança pode desejar um automóvel, mas precisa esperar até ficar adulto. Jacó, no Antigo Testamento, também queria casar com Raquel; mas Deus quis que ele antes casasse com Lia, e se tornasse pastor. O episódio é contado por Camões no famoso soneto, onde aliás aparece o número 7 (Libra é o sétimo signo):

*“Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
mas não servia o pai, servia a ela,
e a ela só por prêmio pretendia.*

*Os dias, na esperança de um só dia,
passava, contentando-se com vê-la;
porém o pai, usando de cautela,
em lugar de Raquel lhe dava Lia.*

*Vendo o triste pastor que com enganos
lhe fora assim negada a sua pastora,
como se não a tivera merecida,*

*Começa de servir outros sete anos,
dizendo: Mais servira, se não fora
para tão longo amor tão curta a vida!"*

H Escorpião

Qualidade do ternário: **bondade**, a manifestação de uma essência, o efeito em outro objeto.

Qualidade do quaternário: **atratividade**.

Elemento: **água**. Frieza: atração das partes. Umidade: a figura é determinada por um agente externo.

Imagens Escorpionas

- É comum que se associe a Escorpião a idéia de tensão liberada. Para haver tensão, é preciso em primeiro lugar que as partes estejam atraídas; um agente externo então as comprime e, após algum tempo, as liberta: elas então saem todas de uma vez, projetando seu efeito em outro objeto, não raro aquele que servia de agente determinador. O fato de que na astrologia moderna Escorpião está associado ao sexo só pode ser compreendido através de uma metonímia: em vez de sexo, “orgasmo” - o qual não deixa de ser um descarrego de tensões, o que ele é apenas em parte (pois se o fosse inteiramente seria apenas um alívio), cujo efeito chega até a outra pessoa.

- O escorpião dá nome a este signo porque seus movimentos são tensionados e, uma vez que ele dê sua picada, o efeito é logo sentido: um condensado de substâncias tóxicas se alastra pelo organismo.

- Fenômenos naturais: na conjunção dos fenômenos que ocorrem concomitantemente nos hemisférios norte e sul nesta época, temos uma boa imagem do signo: no norte, a natureza morre no exterior e cai na terra para formar, nela, o húmus que a fertilizará no ano seguinte; no sul, a natureza, que no norte se recolheu, manifesta-se em toda a sua intensidade: o mês de Escorpião é o ápice do florescimento da vegetação na primavera.

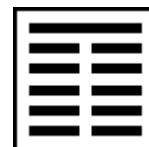
- Se o guerreiro é associado a Áries, existem pelo menos duas posições militares que podem ser associadas a Escorpião: o general e o franco-atirador. O general decide, em função da ação do inimigo, onde acumular soldados e fazer com que eles manifestem sua essência – isto é, atirem. O franco-atirador aguarda muitas vezes por horas, na mesma posição, para dar um único tiro em uma só pessoa.

- A música é de certo modo associada a Escorpião, pois ela evidentemente pertence à bondade, tendo seu efeito inteiramente no ouvinte e não “em si mesma”; além disso, aquilo que se manifesta ou projeta no outro não é qualquer coisa, mas algo que está na raiz das tensões que originaram aquela manifestação. Por isso as músicas não comovem as pessoas de qualquer modo: uma música nascida da alegria moverá à alegria, e outra nascida da tristeza nascerá da tristeza.

Pessoas escorpianas

As pessoas escorpianas, assim como a música, projetam em um objeto alguma tensão que foi se acumulando. Procedem mais com a atenção do que com o pensamento, cautelosamente mas sem conjeturas; e quando a situação em que se encontram chega a um limite, precisam aliviar a tensão de algum modo, seja saindo da situação, seja explodindo de raiva. Se Touro evita a tensão, Escorpião busca o alívio.

Hexagrama do I Ching: 23. Po. Desintegração



“Não é favorável ir a parte alguma.

“As linhas obscuras estão prestes a galgar o cume e provocar a queda da última linha firme e luminosa, exercendo sobre ela sua influência corrosiva.

O inferior, o obscuro, não luta de maneira direta contra o que é superior e forte, mas vai solapando lentamente em sua ação dissimulada, até que ao final provoca-lhe a queda. As linhas do hexagrama representam a imagem de uma casa. A linha superior é o telhado. Ao ruir o telhado, a casa desaba. O hexagrama é atribuído ao nono mês (outubro-novembro). O poder Yin avança dominando cada vez mais e está prestes a suplantarmos por completo o poder Yang.”

O telhado subsiste porque as tensões das partes da casa o mantêm de pé. Mas quando estas tensões chegam a um limite, ele desaba. O efeito da desintegração se faz sentir.

Fruto do Espírito Santo: mansidão

A mansidão é justamente a capacidade de suportar os males atuais (e não potenciais, como em Câncer), nem deixar que eles penetrem no coração ou desejar retribuí-los, isto é, não permitir que a tensão provocada em si pelos males acabe retornando para aquele que os praticou.

I Sagitário

Qualidade do ternário: **verdade**, evidenciada pela comparação com um modelo.

Qualidade do quaternário: **força**.

Elemento: **fogo**. Calor: repulsão das partes. Secura: autodeterminação da própria figura.

Imagens sagitarianas

- A sentença de um juiz. Se a lei inclui várias possibilidades, a sentença afirma a verdade a respeito de uma determinada situação, excluindo as outras possibilidades: ou fulano é inocente, ou é culpado. É como se uma verdade descesse desde um princípio universal, pois o juiz não pode decidir as coisas segundo a sua vontade, mas segundo a lei, os costumes, a moral etc.

- A águia mergulhando em direção à presa também transmite a idéia de algo que se desprende do céu, de um princípio, até um ponto exato da realidade aqui embaixo.

- A flecha é o símbolo de Sagitário, que também é representado pelo centauro-arqueiro⁶. A flecha mata, parte ou perfura (repele as partes), sem quebrar-se (mantém a figura), e vai exatamente (verdade) para um ponto.

- Fenômenos naturais: as grandes paisagens, sobretudo vistas do alto. Todas parecem grandes “extensões de verdade” à espera de algo, e a impressão de grandeza que provocam transmite a idéia de exclusão de outras paisagens possíveis: parece que o mundo inteiro está ali.

- O tempo litúrgico do Advento, que precede o Natal, é um tempo de penitência: “Endireitai o caminho do Senhor, fazei retas as suas veredas.” Ou seja: é preciso adequar-se para a chegada de Deus, caso contrário as conseqüências podem ser temíveis. O Natal tem um significado para os eleitos e outro para o Rei Herodes.

Pessoas sagitarianas

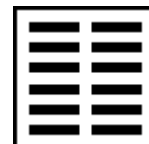
As pessoas de Sagitário tendem a agir como a sua vida não fosse apenas uma entre várias vidas possíveis, mas a própria definição de vida, como se elas não fossem apenas indivíduos, mas espécies ou modelos. Tudo aquilo que é diferente lhes parece errado de algum modo – a menos que creiam no vale-tudo universal, e certamente há vários graus entre a adesão estrita a uma norma e a adesão estrita à ausência de normas. Gostam de acreditar também que a sua vida é como uma seta que voa sem distúrbios em alguma direção, como se tudo o que tenham feito fosse de algum modo justificado,

⁶ Apesar de eu mesmo ser francamente contrário à associação entre mitos gregos e signos do Zodíaco (a associação, no entanto, cai bem para as constelações, que não são os signos, como veremos depois), vale lembrar que o centauro-arqueiro é Quíron, que educou Aquiles. Observe como a dupla natureza do centauro (meio homem, meio cavalo) combina bem com o fato de o signo ser mutável ou comum.

como se a vida nada mais fosse do que a explicitação temporal progressiva de um princípio. Para o sagitariano, basta crer em alguma verdade que ela irá excluindo os elementos contrários. E não adianta discutir com eles, porque o negócio deles não é discutir, é pontificar: isto é certo, isto é errado, e pronto.

Outro ponto importante a respeito dos sagitarianos é o seguinte: eles sempre querem fazer aquilo que “é o melhor”, sempre querem comprar aquilo que “é o melhor”, como se a verdade do melhor naturalmente excluísse a dos semelhantes (supostamente) não tão bons.

Hexagrama do I Ching: 2. Kun. O Receptivo.



“Este hexagrama se compõe de seis linhas abertas. A linha aberta representa o poder primordial obscuro, maleável e receptivo de Yin. O atributo do hexagrama é a devoção e sua imagem, a terra. É o perfeito complemento do Criativo, a contraparte, não seu oposto, pois o Receptivo não combate o Criativo, mas o completa. Representa a natureza em contraste com o espírito, a terra em contraste com o céu, o espaço em contraste com o tempo e o feminino-maternal em contraste com o masculino-paternal. Aplicado ao âmbito humano o princípio dessa relação complementar encontra-se tanto nas relações entre homem e mulher quanto entre príncipe e ministro, e entre pai e filho. Mesmo no interior do indivíduo esta realidade aparece na coexistência do mundo espiritual com o mundo dos sentidos. Não se deve, entretanto, ver aqui um real dualismo, pois existe entre os dois princípios um relacionamento claramente definido em termos hierárquicos. O Receptivo em si é, evidentemente, tão importante quanto o Criativo, mas o atributo da devoção define a posição desse poder primordial em relação ao Criativo. O Receptivo deve ser ativado e dirigido pelo Criativo, quando, então, produzirá resultados benéficos. Só quando abandona essa posição e tenta colocar-se ao lado do Criativo como um ser igual torna-se nefasto. A consequência seria, então, oposição e luta contra o Criativo, trazendo infortúnio para ambos.”

Aqui Sagitário é considerado sobretudo na sua oposição com Gêmeos (O Criativo). Sagitário é o que vai manifestar de maneira mais clara e integral alguma possibilidade do Céu, mas sobretudo através da devoção, isto é, da entrega da sua vida aos princípios que devem norteá-la e excluir os elementos contrários (distrações, pecados etc). O Criativo contém as formas, mas só o Receptivo as manifesta (ele as recebe). Podemos entender esta relação também através de uma imagem: se o Criativo fosse comparado ao céu estrelado, veríamos o Receptivo em uma estrela cadente, que é a imagem mesma de uma “graça” que vem do céu. Se o Céu se opuser à Terra, suas graças não serão mais manifestas aos homens, e aí teríamos o hexagrama de Virgem, Estagnação, em que cada um segue uma lei própria. Portanto, o Receptivo é como a explicitação de uma única possibilidade do Criativo, considerada individualmente, separada das demais possibilidades: se o ponto inclui todas as direções, cada direção por sua vez só pode ser definida pela exclusão de todas as outras.

Fruto do Espírito Santo: fé

Fé, que é a fidelidade a uma lei ou ao Espírito. Podemos obedecer com devoção àquilo que Deus ditou aos homens, ou podemos obedecer as palavras que Ele diz em nosso coração (pois estas coisas não se opõem). Temos fé sobretudo pela credibilidade que atribuímos àquele que fala: se foi Deus quem falou, só pode ser verdadeiro, e portanto esta verdade deve excluir os elementos contrários para que a vida esteja de acordo com a norma divina. Ver o episódio da conversa de Jesus com a samaritana, narrado em João, IV, 23-26:

“Mas vai chegar a hora – é já – em que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e em verdade, pois o Pai pretende que tais sejam os Seus adoradores. Deus é espírito, e os Seus adoradores em espírito e em verdade é que O devem adorar. Diz-lhe a mulher: Eu sei que há de vir o Messias – que quer dizer o Ungido. Quando Ele vier, tudo nos há de manifestar. Diz-lhe Jesus: Sou Eu, que estou a falar contigo.”

J Capricórnio

Qualidade do ternário: **unidade**, evidenciada pela distinção do meio.

Qualidade do quaternário: **pureza**.

Elemento: **terra**. Frieza: atração das partes. Secura: delimitação própria.

Imagens capricornianas

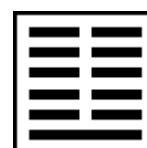
- As grandes montanhas vistas de longe, sobretudo quando se destacam da paisagem, pois se distinguem do meio, e são evidentemente frias e secas. Nesta mesma linha, podemos citar também as pirâmides do Egito, ou a Torre Eiffel em Paris.
- As hierarquias dentro das organizações, sejam estas a Igreja, o exército, ou as corporações. São elas que definem a unidade da organização, diferenciando-a do resto, e que mantêm suas partes unidas e sua figura delimitada. O mesmo raciocínio vale para a estrutura de um edifício: existe algo que não pode ser flexibilizado sem comprometer a unidade, a secura e a frieza.
- Fenômenos naturais: no hemisfério norte, o rigor do inverno. No sul, o calor opressivo de dezembro-janeiro.
- O animal relacionado a Capricórnio é a cabra montesa.

Pessoas capricornianas

As pessoas de Sol em Capricórnio buscam objetivos que sejam duradouros, isto é, objetivos através dos quais elas possam afirmar a sua unidade durante muito tempo, “atraindo as partes” – isto é, dirigindo sua atenção e seus esforços – e determinando uma figura – fazendo uma coisa específica e delimitada. É por isso que os capricornianos têm um senso de propriedade e adequação, além de se identificarem com aquilo que fazem. Não há como não pensar na Inglaterra, país de cultura altamente capricorniana, em que as pessoas mais se identificam com suas profissões e posições sociais; por isto mesmo, foi lá que prosperou o socialismo fabiano. Enquanto em muitos países – como no Brasil – a idéia de classes sociais com ideologias próprias pode parecer apenas mais uma maneira de descrever a realidade, na Inglaterra isto é quase palpável. Um exemplo perfeito está na peça / filme *My Fair Lady*, escrita pelo comunista George Bernard Shaw, em que o alto grau de consciência de classe dos personagens quase não parece artificial, mas simplesmente inglês.

Hexagrama do I Ching: 24. Fu. Retorno (o ponto de transição)

“Após uma época de decadência vem o ponto de transição. A luz poderosa que tinha sido banida retorna. Porém, este movimento não é provocado pela



força. Como a característica do trigramma superior K'un é a devoção, o movimento é natural e surge espontaneamente. Por isso a transformação do antigo também se torna fácil. O velho é descartado e o novo, introduzido. Ambos os movimentos estão de acordo com as exigências do tempo e, portanto, não causam prejuízos. Formam-se associações de pessoas que têm os mesmos ideais. Como tal grupo se une em público e está em harmonia com o tempo, os propósitos particulares e egoístas estão ausentes, e assim erros são evitados. A idéia de retorno baseia-se no curso da natureza. O movimento é cíclico e o caminho se completa em si mesmo. Por isso não é necessário precipitá-lo artificialmente. Tudo vem de modo espontâneo e no tempo devido. Esse é o sentido do céu e da terra."

Uma idéia fundamental de Capricórnio é que existe uma maneira específica de fazer cada coisa que é a correta. Isto também poderia, sob um certo aspecto, ser chamado "prudência". Existe, portanto, uma medida de adequação de cada elemento em todas as situações possíveis. Não se deve esperar das coisas aquilo que está além delas, e não é justo que elas ofereçam menos daquilo que podem dar. A macieira não dá melancias, mas não deve dar maçãs podres. Quando se apreende essas relações de necessidade e adequação na natureza, é possível empreender algo sem esforço, pois a medida de todas as coisas está sendo respeitada.

Fruto do Espírito Santo: modéstia.

Modéstia, que se manifesta pela realização das coisas do modo correto, devido, apropriado. Os atos externos são plenos de respeito e boa disposição em relação àquilo que está abaixo daquele que os realiza.

K Aquário

Qualidade do ternário: **bondade**, a manifestação de uma essência, o efeito em outro objeto.

Qualidade do quaternário: **inclusividade**.

Elemento: **ar**. Calor: repulsão das partes. Umidade: a figura é determinada por um agente externo.

Imagens aquarianas

Aquário é o mais humano de todos os signos, por isso é difícil falar de “coisas” aquarianas. Mas podemos pensar que tudo o que é aquariano deseja manifestar algo (bondade), incluindo o máximo de elementos. Esta imagem é perfeitamente sugerida pela imagem tradicionalmente associada ao signo: o homem que derrama num rio corrente a água da sua jarra. O rio é grande, a água é muita, e o gesto do homem é pequeno; mas nesse pequeno gesto ele se uniu a um grande fluxo.

Logo, são aquarianas as atividades de coordenação de muitos elementos de ordens diferentes: a realização de alguma coisa grande traz consigo a realização de várias coisas pequenas ao mesmo tempo. A atividade do maestro, num sentido, também é aquariana: cada músico precisa tocar cada uma de suas notas do jeito certo e na hora certa para que a sinfonia seja tocada. Para manifestar algo, para que o efeito em outro objeto aconteça, é preciso coordenar muitos e vários efeitos em outros. O mesmo raciocínio vale para o diretor de teatro.

Napoleão Bonaparte, por exemplo, disse que a maneira de ter autoridade era descobrir o que as pessoas queriam fazer e mandá-las fazer exatamente isso. Assim, o objetivo de cada pessoa era satisfeito, e o objetivo de Napoleão também. Ronald Reagan também disse: “É possível fazer tudo o que se quer, desde que você não queira ficar com o crédito por tudo”.

- Fenômenos correspondentes: no hemisfério norte, a estabilização do inverno e o começo da preparação da terra para a semeadura. No Brasil, o calor do verão do mês de Aquário se distingue pelo aspecto cortante e incisivo dos raios solares. Ao passo que em Capricórnio o calor é como um bloco que comprime o corpo por todos os lados, em Aquário é mais fruto da ação aguda do Sol.

Pessoas Aquarianas

O aquariano busca, acima de tudo, simplesmente descobrir onde é que está o ponto mágico que, se for movido, moverá de uma só vez todas as coisas que ele quer que sejam movidas. Uma atitude comum do aquariano é descobrir se você vai na cozinha, para então lhe trazer um copo d'água: você ia mesmo, só incluiu mais um elemento, você ficou satisfeito e ele também.

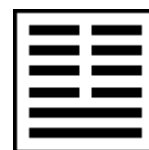
Uma coisa negativa – e criminoso, segundo o Código Penal brasileiro – associada a Aquário é a sedução. O aquariano conhece o fim a que almeja, mas a pessoa seduzida

pensa que está fazendo outra coisa; mas, na verdade, está apenas agindo em favor do aquariano ou a serviço daquilo que ele considera um bem.

A “era de Aquário”, por sua vez, também consiste apenas em enganar as pessoas, dando-lhes o que querem, sem que percebam que estão sendo levadas para o abismo através de estímulos contraditórios – como, por exemplo, as “minorias” que exigem simultaneamente respeito e proteção, esquecendo que o respeito é algo que se ganha, e não algo que se obtém por decreto. Há ainda uma antiga tradição judaica que diz que o Anticristo tem todos os planetas em Aquário – e houve um alinhamento dos planetas neste signo em 5 de fevereiro de 1962.

Porém, esta mesma capacidade do aquariano pode ser usada para o bem: basta que, em vez de conduzir as pessoas para o abismo, o aquariano as conduza para o bem que elas desejam em seu coração, ainda que o ignorem de algum modo. É por isto que a educação superior, que tem algo de “iniciático” na medida em que exige uma transformação na alma do sujeito, tem algo de aquariano: o aluno não sabe que sua alma precisa primeiro ser preparada para então receber determinados conhecimentos. Outra maneira de perceber isto está no filme *Karate Kid*, em que o mestre obriga o aluno a ficar lavando carros de um determinado modo, sem que este perceba o que aquilo tem a ver com o aprendizado de karatê.

Hexagrama do I Ching: 19. Lin. Aproximação.



“O hexagrama como um todo anuncia uma época de progresso alegre e esperançoso. A primavera se aproxima. A alegria e tolerância fazem com que o alto e o baixo se aproximem. O sucesso é certo. Mas é necessário trabalhar com determinação e perseverança de modo a aproveitar plenamente a favorabilidade de tal época. E mais ainda: a primavera não dura para sempre. No oitavo mês, os aspectos se invertem. Restam então somente duas linhas fortes e luminosas que já não avançam, mas, ao contrário, recuam (ver o próximo hexagrama). É necessário refletir a tempo sobre esta inversão. Enfrentando o mal antes de ele se manifestar, antes mesmo de seus primeiros sinais, é possível dominá-lo.

“A terra acima do lago: a imagem da APROXIMAÇÃO. (...)

“Ao alto, a terra faz fronteira com o lago. Isso simboliza a aproximação e a condescendência do homem em posição elevada para com os que estão abaixo. As duas partes da imagem indicam sua atitude para com eles. Assim como o lago é inesgotável em sua profundidade, o sábio é inesgotável em sua disposição de instruir os homens. Assim como a terra é ilimitadamente vasta, sustentando e protegendo todas as criaturas, assim também o sábio sustenta e protege todos os homens sem impor limites nem excluir qualquer parte da humanidade.”

Este hexagrama já é bastante claro. Há no homem o intuito de empreender, e há a época que é favorável ao empreendimento. Ao realizá-lo nesta época, o homem inclui o bem da época no bem do seu empreendimento; mas, por outro lado, há também em cada época e situação algum bem que possa ser incluído. Por isso o sábio é inesgotável:

porque conhece sempre a finalidade das coisas e sabe a que bem cada homem deve se agarrar para atingir esta finalidade, mesmo em épocas majoritariamente “desfavoráveis”.

Fruto do Espírito Santo: continência

Continência: a capacidade de resistir às tentações. Cada tentação é uma ocasião de queda ou de provação e vitória. Ao sairmos vitoriosos, aproveitamos o único bem possível da tentação; assim, o homem que é freqüentemente tentado mas se contém é capaz de incluir em sua vida espiritual vários “troféus”, que são os bens que recebeu de cada ato individual de resistência. O guiamento espiritual, por sua vez, também não é possível sem este conhecimento das tentações e de como vencê-las.

L Peixes

Qualidade do ternário: **verdade**, evidenciada pela comparação com um modelo.

Qualidade do quaternário: **atratividade**.

Elemento: **água**. Frieza: atração das partes. Umidade: a figura é determinada por um agente externo.

Imagens piscianas

- O peixe, que é frio e úmido; e parte de seu movimento não é determinado por si, mas pela direção da correnteza. O peixe manifesta a verdade porque, em uma espécie, os peixes pouco se diferenciam, mas as espécies de peixe são muito diferentes, evidenciando ao mesmo tempo a presença do modelo e a diversidade de suas manifestações.

- Tudo aquilo que produz *inspiração* é pisciano. Suponha que você quer fazer alguma coisa, mas não encontra em si o tempo todo disposição para fazê-la. Um ambiente pisciano é aquele que gera em você esta disposição para fazer aquilo que você queria, porque você percebe a confluência entre o seu objetivo (sua “verdade”) e o “objetivo” do ambiente.

- Fenômenos correspondentes: No hemisfério norte, o abrandamento do frio do inverno e a prefiguração da primavera. Aqui no Brasil, o signo de Peixes se faz sentir principalmente num frescor e transparência do ar no mês que lhe corresponde.

- O Rio de Janeiro é pisciano. Aqui todos são receptivos à primeira vista. Todos têm muitos desejos, mas nada acontece de fato. Parece que estamos mergulhados num mar de intenções. Todos dizem que vão fazer alguma coisa e não fazem. Marcam coisas e não vão. Esperam a vontade chegar. Se você não mantiver um clima legal, tudo vai para o brejo. É o reino do “pode ser” universal.

Pessoas piscianas

Os piscianos estão esperando que a Máquina do Mundo se abra diante deles, para que então eles digam: “pronto, é isso!” Esperam que o cosmos “confirme” seus desejos para poder realizá-los. A imagem ideal é a de alguém que, querendo fazer qualquer coisa simples como ir ao cinema ver um determinado filme, nada faz nesta direção. De repente, toca o telefone: é um amigo que lhe convida para ver exatamente o filme que desejava. Assim, o pisciano percebe que “o cosmos” conspirou na direção daquele desejo.

Hexagrama do I Ching: 11. T'ai. Paz.



“O hexagrama indica uma época em que o céu parece estar na terra. O céu colocou-se sob a terra, e assim os dois princípios unem seus poderes em profunda harmonia. Essa união traz paz e bênção a todos os seres. No âmbito humano isto representa uma época de harmonia social. Os poderosos voltam-se para os humildes, enquanto esses se mostram amistosos em relação àqueles, terminando assim toda hostilidade. O princípio luminoso está no interior, no centro, em posição decisiva. O princípio da escuridão encontra-se do lado de fora. Assim, o princípio luminoso exerce uma poderosa influência, e o princípio obscuro submete-se. Deste modo ambos recebem o que lhes corresponde. Quando, numa sociedade, os bons elementos detêm o comando em suas mãos, exercem uma influência sobre os maus elementos que, então, mudam para melhor. Quando, no homem, o espírito dos céus governa, sua natureza corpórea sofre essa influência, encontrando o seu lugar apropriado. As linhas chegam ao hexagrama embaixo, abandonando-o em cima. Aqui são, portanto, os elementos pequenos, fracos e maus que estão partindo, enquanto os elementos grandes, fortes e bons ascendem. Isso traz boa fortuna e sucesso.”

O hexagrama representa o “casamento” de todas as tendências, a grande confluência universal. Se no hexagrama do signo oposto, Virgem, o Céu estava separado da Terra, aqui ele a busca, e enquanto em Virgem era maximamente evidente a separação entre as idéias e as coisas, aqui as idéias estão sempre de acordo com as coisas, e umas buscam as outras sem cessar. Num meio de acordo universal, só pode haver prosperidade e fertilidade.

Fruto do Espírito Santo: castidade

A castidade significa a “imunidade” às tentações, pois tudo aquilo que não é conforme ao desejo de Deus não exerce mais nenhum apelo. “Para os puros, tudo é puro”.

VI. Dualidades & triplicidades

As dualidades

Podemos ver uma relação de determinante x determinável nos signos opostos. Porém, estas relações são reversíveis segundo a fórmula que expressa que “o *yin* é o máximo do *yang*” e vice-versa. Trata-se de ver, na passagem dos planos, qual está por cima na hierarquia. É bastante fácil perceber o “equilíbrio dos contrários” nas oposições dos signos.

Áries – Libra

Força/Unidade x Inclusão/Unidade

Num sentido, podemos dizer que a força é obviamente determinante, e a inclusão determinável. Mas a força pode ser vista como apenas uma possibilidade da inclusão, isto é, pode ser Libra que determina se a força é adequada naquela situação determinada, ou a manifestação de força pode ser vista como a soma de várias possibilidades.

Touro – Escorpião

Pureza/Bondade x Atratividade/Bondade

Parece que o repouso é *yang* em relação à tensão. Mas também é possível dizer que a tensão está em potência em relação ao repouso – e embora possamos considerar que o estado de repouso está em potência em relação ao estado de tensão, não podemos dizer que o repouso sugira isso por si, pois o repouso sugere a idéia de fim, de término. Assim que uma tensão é aliviada não temos a impressão de que estamos suscetíveis a ela. Assim, podemos dizer que de um lado a tensão determina o repouso e de outro o repouso é imune à tensão.

Gêmeos – Sagitário

Inclusão/Verdade x Força/Verdade

Se recorrermos ao I Ching, veremos aqui a polaridade máxima: o Criativo e o Receptivo. Como podemos dizer que isto é variável? Basta considerarmos que, se de um lado é óbvio que o Céu determina a Terra, que a forma determina a matéria, que a essência determina a substância, por outro lado é preciso considerar que é a substância que localiza e suporta a essência, segundo o “princípio de individuação da matéria”. Então, por exemplo, podemos considerar que existe uma essência de homem, que vai determinar a substância de uma pessoa; mas é a substância que vai localizar ou determinar a essência no plano corpóreo.

Câncer – Capricórnio

Atratividade/Unidade x Pureza/Unidade

A idéia sugerida por esta oposição é de um contraste entre um repouso firme, “projetado” e “tenso” e um repouso suave e fluido. “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura” – ou seja, num sentido é óbvio que a pedra é *yang* em relação à água; mas, a longo prazo, é a água que vence. A pedra do recife determina um obstáculo para a água do mar, mas a água do mar logo determina a figura da pedra do recife.

Leão – Aquário

Força/Bondade x Inclusão/Bondade

A ação leonina é direta, espontânea, clara, cristalina; a ação aquariana é indireta, “pelas beiradas”. A oposição entre Leão e Aquário quase sugere o contraste entre um olhar direto e um olhar oblíquo, ou um olhar direto e um olhar profundo e distante. Podemos considerar que o espontâneo é determinante ou *yang* em relação ao calculado, na medida em que este busca adaptar-se àquele, ou que o calculado é determinante em relação ao espontâneo, se consideramos que *todo* ato espontâneo também é o resultado de muitos fatores que se tornam invisíveis no momento em que contemplamos o ato. Nesse sentido também podemos dizer que o teatro é aquariano ou leonino: se dizemos que é tudo um fingimento que visa a produzir um determinado efeito, é aquariano. Se o consideramos segundo a relação imediata entre atores e platéia, é leonino.

Virgem – Peixes

Pureza/Verdade x Atratividade/Verdade

A oposição sugerida por Virgem x Peixes é a do limitado x o ilimitado, do único em contraste com o vário. A disposição de realizar uma idéia e a disposição de simplesmente encontrá-la, de submeter algo do mundo à idéia e de submeter-se à ela.

Se por um lado parece evidente que a fixação de uma idéia é determinante e *yang* em relação à sua expectativa, por outro lado podemos dizer que sem a boa disposição expectante não há idéia que possa ser encontrada e muito menos fixada e realizada.

As triplicidades

A base da comparação da triplicidade é a idéia de juventude / maturidade / velhice. Ao contrário das dualidades, não podemos trocar os termos de lugar.

A triplicidade de fogo: Áries / Leão / Sagitário

Áries manifesta a força e a espontaneidade da juventude; Leão, a moderação e o controle desta força para a obtenção de determinados fins; Sagitário, o uso da força para manifestar uma verdade conclusiva a respeito da vida.

A triplicidade de terra: Touro / Virgem / Capricórnio

Touro manifesta o puro gozo despreocupado da juventude; Virgem manifesta o repouso sensato sobre uma idéia que caracteriza a maturidade; Capricórnio manifesta o resultado final, na velhice.

A triplicidade de ar: Gêmeos / Libra / Aquário

Gêmos manifesta a curiosidade incessante da juventude, o desejo de mexer em tudo; Libra manifesta a contenção destas possibilidades e a seleção daquelas que são boas, como fazemos na maturidade; Aquário manifesta a inclusão destas possibilidades num grande plano, como alguém que deixa uma grande obra atrás de si – o que só pode ser evidenciado na velhice.

A triplicidade de água: Câncer / Escorpião / Peixes

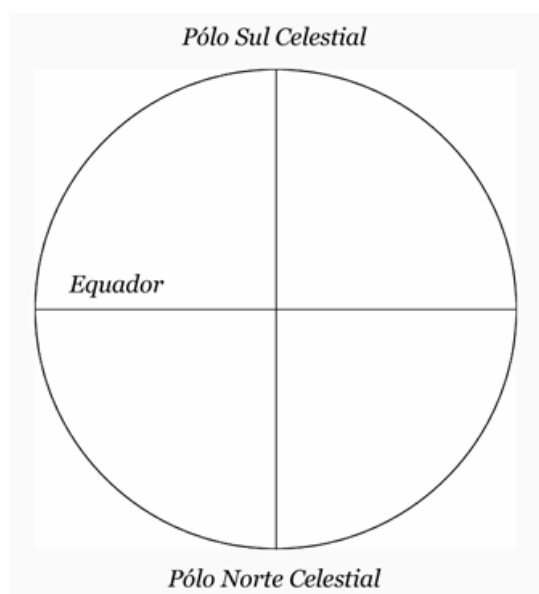
Câncer manifesta a primeira infância e também o desejo de absorver as experiências da adolescência, sem perceber o risco que há em algumas delas; Escorpião manifesta a seletividade em relação às experiências desejadas e a capacidade de acumular ou liberar seus efeitos típica da maturidade, isto é, o controle; Peixes evidencia a capacidade de reconhecer a validade das experiências.

VII. A regência planetária dos signos

Até agora, tratamos dos signos sem fazer referência a seus planetas regentes, com o objetivo de dissipar o erro a que muitos textos modernos induzem: a confusão dos planos em que estão os signos e os planetas. Enquanto estes são realidades corpóreas e sensíveis – basta olhar para o céu para vê-los, e na pior das hipóteses não há quem não tenha notado o Sol e a Lua – os signos são realidades puramente inteligíveis, originados da divisão geométrica, ideal, da eclíptica em 12 pedaços, como sugerido pela superposição do 3 e do 4. Isto significa, diga-se de uma vez, que os signos *não são* as constelações homônimas: as constelações são feitas de estrelas, que são visíveis. O pequeno livro *Chave Espiritual da Astrologia Muçulmana*, de Titus Burckhardt, traz todos os esclarecimentos necessários a este respeito.

Agora pretendemos complementar o livro e explicitar a origem da regência planetária dos signos, com a importante ressalva de que os planetas não regem os signos da mesma maneira que os reis regem seus reinos. Os planetas são antes veículos da influência dos signos no plano da corporeidade, isto é, no nosso mundo de geração e corrupção.

Vamos começar então observando um modelo astronômico simples.

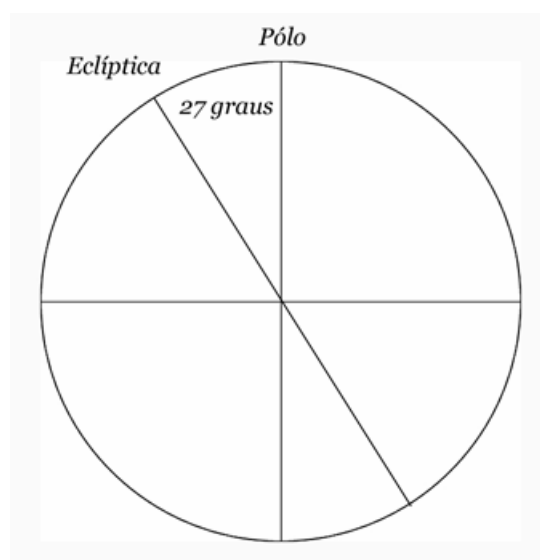


Primeiro, é preciso esclarecer que nas representações astronômicas o Sul é representado em cima, e o norte em baixo.

Aqui temos o eixo dos pólos e do equador. As estrelas fixas (aquilo que vulgarmente chamamos simplesmente de “estrelas”) giram em torno dos pólos. Se você observar o céu à noite, verá o movimento circular das estrelas. Tente simplesmente pegar alguma estrela ou constelação conhecida – as Três Marias, por exemplo, que são o cinturão do caçador Órion – e observe sua posição ao anoitecer e algumas horas depois. Aqui no hemisfério sul só é possível localizar o pólo no céu com

conhecimentos astronômicos, mas no hemisfério norte há uma estrela muito próxima do pólo, e basta localizá-la para saber onde ele está. Não é à toa que esta estrela se chama Polaris.

Agora, se você observar também o caminho que o Sol percorre no céu, verá que ele não é perpendicular à Terra. Isto é, mesmo quando dizemos que o Sol está “a pino” ou “sobre nossas cabeças”, ele na verdade não está. O caminho que o Sol percorre no céu – a *eclíptica* – tem uma inclinação de pouco mais de 27 graus em relação ao pólo.

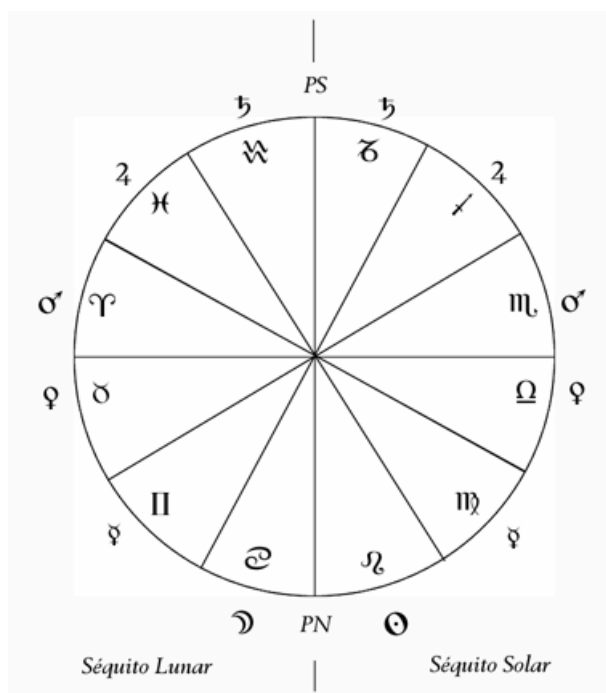


As estações só existem porque o Sol tem esta inclinação em relação ao pólo. Agora, segundo a tradição judaica, perpetuada no mundo cristão, no Jardim do Éden não havia estações, e um dos símbolos da expulsão do Paraíso seria justamente este deslocamento do eixo da eclíptica. De fato, nada marca mais o nosso estado de sujeição às intempéries do que a mudança das estações.

Vamos relacionar isto agora com o Zodíaco. Como já sabemos, o Zodíaco é um círculo dividido em 12 partes ideais. Destas 12, 6 partes estão associadas à Lua e 6 ao Sol, a partir dos pólos anteriores à queda. É fácil perceber a imensa diferença e a primazia que o Sol e a Lua têm em relação aos demais planetas, tanto que eles são chamados “senhores” ou “luminares” do tempo pelos autores antigos. Assim, o Sol (Q) e a Lua (R) assumem cada qual um domicílio próprio na ponta de cada metade do círculo zodiacal, enquanto que as “fatias” seguintes vão sendo ocupadas pelos planetas restantes segundo sua ordem tradicional: Saturno (W); Júpiter (V); Marte (U); Vênus (T) e Mercúrio (S)⁷. Cada uma destas metades do Sol e da Lua recebe o nome de “séquito”: séquito solar e séquito lunar. Ao fim do módulo a respeito dos planetas, o aluno será capaz de ver como a diferença entre – por exemplo – Gêmeos e Virgem é a diferença entre um “Mercúrio lunar” e um “Mercúrio solar”.

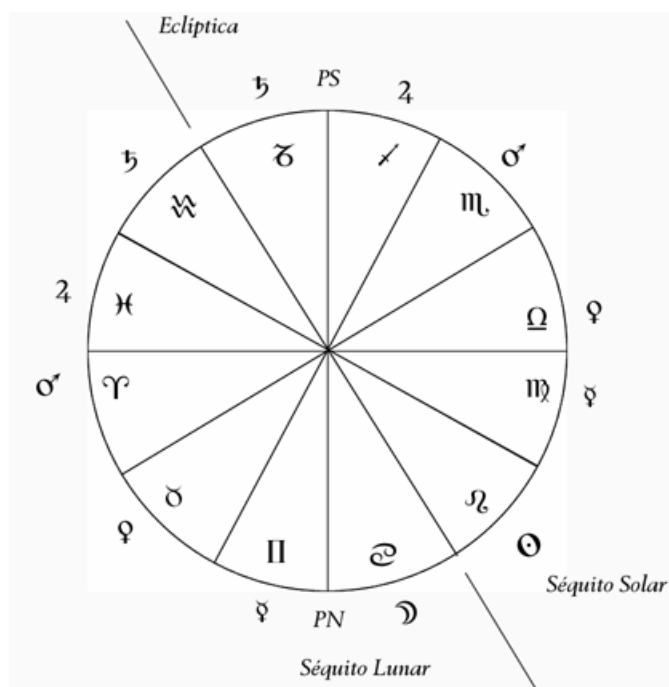
A disposição dos signos antes da queda então seria a seguinte:

⁷ Aqui devemos, é claro, lembrar que o Sol estaria no meio dos planetas e a Lua na base. A ordem total dos planetas está indicada na “Chave” anexa.



Lembre-se de que aqui o eixo dos pólos ainda coincide com o eixo da eclíptica, e por isto temos a disposição “harmônica” dos planetas pelos signos.

Depois da queda, porém, houve aquele deslocamento no eixo da eclíptica, e surgiu o Zodíaco tal como o vemos representado sempre:



Diante disto, é muito importante que o leitor perceba a perfeita ordem deste esquema e se dê conta de como é absurdo inserir nele novos “planetas”, que nem visíveis são, e como é ainda mais absurdo, gratuito e arbitrário dizer que Urano, Netuno ou Plutão regem este ou aquele signo.

VIII. Os Sete Planetas

O primeiro ponto a se considerar a respeito dos sete planetas é que se os signos são definidos pela fórmula $3 \times 4 = 12$, os planetas são definidos por $3 + 4 = 7$.

O segundo ponto é que há uma relação hierárquica entre eles, o que não acontecia com os signos, ainda que alguns astrólogos modernos digam que Peixes, por ser o último signo, “resume e sintetiza” os 11 signos anteriores – o que não faz sentido porque os signos estão relacionados às direções do espaço-limite, e não podemos dizer que uma direção possa “resumir” as demais. Os signos, também, são realidades mais elevadas, e portanto mais estáveis. Já os planetas indicam movimento, e por isso representam processos; como todos os processos se ordenam para um fim, temos a noção da hierarquia necessária dos planetas.

Ao contrário dos signos, em que fomos agregando noções para então formar sua imagem, vamos simplesmente estudar diretamente a estrutura setenária de alguns objetos para que fique clara a natureza de cada planeta.

As sete etapas das operações humanas

O primeiro objeto a considerar são as operações humanas em sua escala mais mínima. Vamos observar o que acontece quando alguém bebe água, por exemplo. Nenhuma das etapas descritas abaixo pode ser confundida e nenhuma delas pode trocar de lugar com outra; elas sempre devem acontecer nesta sequência, ainda que incompleta.

1. *Percepção da privação / Saturno W*

Antes de beber água, percebemos que algo nos falta: sentimos sede.

2. *Imaginação daquilo que satisfaria a privação / Júpiter V*

Muitos líquidos poderiam saciar nossa sede, e então imaginamos qual deles seria o melhor naquele momento: um refrigerante, mate, chá gelado, ou simplesmente água.

3. *Movimento até o objeto escolhido / Marte U*

É hora de levantar da poltrona e ir até a cozinha pegar a água. É preciso fazer um esforço, dispendir alguma energia.

4. *A posse do objeto / Sol Q*

Após o esforço, atingimos o objetivo: bebemos a água.

5. *O gozo no objeto / Vênus T*

Após começarmos a beber a água, vem aquela boa sensação por termos ficado livres da sede, muitas vezes acompanhada de um “aaahhh”.

6. *A memória, reflexão e classificação daquela experiência / Mercúrio S*

Logo após termos matado a sede, comparamos aquela experiência individual com outras experiências semelhantes. Podemos pensar se a água estava melhor ou pior do

que o normal. Se acabamos de beber a nossa marca de água mineral favorita (pois há muitas diferenças entre as águas), pensamos: “foi bom *porque* a água é desta marca, que é sempre assim”; se bebemos outra marca conhecida, lembramos que gostamos mais de outra. Se bebemos uma marca nova, então estabelecemos uma hierarquia: gostei mais ou menos do que a minha água favorita. Assim, guardamos as impressões daquela experiência para as utilizarmos no futuro, quando sentirmos sede novamente e precisarmos escolher uma água.

7. As marcas materiais da experiência / Lua R

A sensação que temos após termos satisfeito a sede – não o gozo que vem imediatamente após beber a água, e quase que simultaneamente a este ato – é bem diferente da sede mesma; é a própria diferença entre a privação e a saciedade, ou entre uma certa agitação e um repouso, um descanso: agora eu sei que a sede não voltará tão cedo, estou protegido dela pela água que bebi. Podemos dizer que, se antes o sujeito era determinado pela sede, que o impeliu a agir, agora ele é determinado por esta sensação, que o impele a repousar.

Outro exemplo: o primeiro capítulo do livro *Relatos de um Peregrino Russo*⁸

O peregrino russo começa dando-se conta de uma privação: ele precisa de Deus (Saturno), e um dia entra na igreja e ouve o trecho em que São Paulo diz: “orai sem cessar” (Júpiter). Ele então busca alguém que possa ensiná-lo a fazer isto (Marte) e encontra um mestre, que o ensina (Sol), e nisto ele se alegra (Vênus). Ele então pensa em como foi que ele encontrou o mestre (demorou um ano etc.), e começa a praticar a oração do coração (Lua).

Outra maneira de descrever o processo seria o seguinte: se colocarmos a própria prece perpétua no centro (Sol), temos o peregrino procurando quem o ensinasse (Saturno), o mestre ensinando (Júpiter), o peregrino se esforçando para pôr em prática o ensinamento do mestre (Marte), rezando perfeitamente (Sol), alegrando-se na oração (Vênus), descrevendo seus efeitos em sua alma (Mercúrio) e alterando suas disposições (Lua), gerando, por exemplo, a sincronia entre a prece e as batidas do coração, os sonhos, o hábito da leitura da *Filocalia* etc.

⁸ Editora Paulus.

IX. As faculdades da alma de São Tomás de Aquino

Suma Teológica, primeira parte da segunda parte, questões 75-88 (Tratado sobre o homem).

A vantagem do esquema de São Tomás – que não invalida por si outras maneiras de dividir a alma – é que ele traz sete faculdades que são facilmente comparáveis aos sete planetas tradicionais. É preciso observar que esta descrição da alma é simplesmente “operativa”, isto é, ela visa a explicar como a alma realiza suas operações, como sentir desejo por algo ou entender uma equação diferencial. São Tomás não buscava tratar de assuntos que hoje relacionamos comumente à psicanálise e à psiquiatria, como as doenças mentais (neuroses, psicoses, esquizofrenia etc) ou traumas e sentimentos reprimidos.

Alguém poderia dizer que na verdade a alma não existe, existe “o cérebro”. Pode até ser que o cérebro seja a base material da alma, mas as suas sensações de desejo e as suas lembranças *não são* reações químicas. Quando você se lembra da escola em que estudou, está pensando em algumas imagens e em alguns episódios. Nada associa obrigatoriamente a imagem das professoras do primeiro grau a uma determinada reação química.

É importante entender que a alma – e você pode até, como Aristóteles, não crer em sua imortalidade – é um princípio *imaterial* que ordena o seu corpo material. É na alma que estão as suas sensações e aspirações e é da alma que partem muitas ordens para o seu corpo. A ordem que você dá para o seu corpo ir até a cozinha fazer macarrão pode até passar por uma mera reação química, mas não é possível explicar o que leva um homem a querer ir caminhando até o Pólo Sul sem recorrer à idéia de um princípio imaterial, pois caminhar até o Pólo Sul não corresponde a nenhuma necessidade do corpo.

Apesar de, na cosmologia aristotélica, os planetas não serem compostos dos quatro elementos, mas sim do éter – o famoso “quinto elemento” ou “quinta essência” (“fifth essence”, para quem quiser procurar em textos em inglês) atribuímos a eles qualidades sensíveis. É importante afirmar ao aluno que não existe um consenso absoluto entre os astrólogos do passado a respeito das qualidades dos planetas, sobretudo entre os mais antigos, que costumavam atribuir calor e umidade a Vênus, frieza e umidade a Saturno, e calor e umidade a Mercúrio. Mais ou menos a partir do Renascimento Vênus aparece sempre como fria e úmida, e Saturno e Mercúrio como frios e secos. É a estas analogias que daremos prioridade.

Hoje em dia, eu (PSC) só tenho notícia de um uso para as qualidades “antigas” destes planetas: o método de cálculo do temperamento que está sendo desenvolvido por John Frawley. Para todas as outras finalidades da prática astrológica, porém, tanto ele quanto eu e todos os astrólogos de que já ouvi falar, de linha antiga ou moderna, utilizam as atribuições renascentistas.

Ao estudar os planetas, o aluno *não deve* pensar nos deuses gregos que lhes deram seus nomes. Primeiro, existem muito mais planetas do que sete. Segundo, a religião da Grécia antiga está morta há tempo suficiente para que só possamos, na melhor das

hipóteses, fazer conjecturas a seu respeito. Não temos o conhecimento efetivo do que realmente significariam Zeus ou Hermes para um espartano ou um ateniense. Por fim, a consideração dos deuses gregos hoje em dia se liga muito à psicologia junguiana, baseada nos “arquétipos”, e esta é extremamente contrária à astrologia tradicional. As idéias junguianas são extremamente vagas e a astrologia tradicional busca sempre a precisão e o rigor, seja em uma previsão, seja na simples avaliação de uma pessoa a partir do mapa natal.

O aluno também deve estar ciente de que os antigos aparentemente jamais se esforçaram para desenvolver uma psicologia astrológica sistemática, no sentido como entenderíamos isto hoje. A avaliação do mapa natal por um astrólogo antigo começaria com o cálculo do temperamento. Ao fazer o cálculo, ou em algum momento depois, o astrólogo veria qual a situação dos planetas que correspondem àquele temperamento. Se o nativo fosse melancólico, por exemplo, o astrólogo veria como estão Saturno e Mercúrio. Depois, ele avaliaria a *expressão* do nativo e sua mente. Por fim, viriam as previsões: quando o nativo vai morrer, quando vai casar, se vai ter filhos etc. Vejam como isto difere da psicologia astrológica moderna, em que apenas a psique (alma, em grego, é *psyché*, ψυχή) é considerada, como se o sujeito não tivesse também um corpo.

No entanto, apesar desta crítica, aqui vamos tratar primeiro das faculdades da alma sozinhas. A partir dela podemos desenvolver instrumentos de análise muito precisos, combinando os planetas e os signos. Assim, o aluno conhecerá um significado psicológico possível para “Saturno em Libra” ou “Vênus em Áries”, e, dominando o simbolismo dos planetas e dos signos, poderá até desenvolver associações próprias.

Sentido comum / Lua

Todos conhecemos os cinco sentidos: tato, visão, audição, paladar e olfato. As informações que recebemos deles, porém, são unificadas por uma faculdade da alma que se chama *sentido comum*. Quando lembramos de nosso prato favorito e salivamos, estamos usando o sentido comum. Quando comemos o nosso prato favorito, ele está impressionando o nosso sentido comum. Quando lembramos de nossos pais, é no sentido comum que acontece esta lembrança. O mesmo vale para quando ouvimos nossa música predileta e para quando nos recordamos dela.

Assim, além de unificar as informações que vêm dos cinco sentidos, o sentido comum também guarda estas informações, que servirão de base para as operações de todas as outras faculdades. Por isto, ele é comparável à faculdade aristotélica da *fantasia*⁹, na qual ficam os *fantasmas*, que podemos “traduzir” como “imagens mentais”.

Todos conhecemos a aparência da Lua no céu. De que modo ela se assemelha a isto? Em primeiro lugar, pelo fato de ela refletir a luz, assim como o sentido comum reflete as informações recebidas. Além do Sol, somente a Lua aparece no céu como um disco (e não como um ponto, como os planetas), o que sugere a idéia de um todo, o que também é semelhante ao sentido comum, pois nossas percepções são, em um certo sentido, o todo em que vivemos. O fato de a Lua ter fases se assemelha também às

⁹ O *De Anima*, de Aristóteles, publicado pela portuguesa Edições 70, vale a pena.

variações que experimentamos no sentido comum: ninguém há de negar que está mais alerta em certas horas do dia, que em certas épocas está mais sensível a determinadas coisas do que a outras, e que sua percepção pode ser facilmente afetada por muitas coisas, desde um almoço mais pesado ou uma dose mais elevada de álcool até o impacto de uma notícia qualquer, boa ou má.

A Lua é fria e úmida. Podemos dizer que o sentido comum é “frio e úmido” – por analogia, é claro, já que a alma é imaterial – na medida em que atrai para si as impressões e sensações, que as relaciona entre si (“um sorvete é gostoso / gelado / branco / doce / é o favorito da minha namorada / é vendido na sorveteria tal) e que sempre pode se adaptar a coisas novas. Isto é, se você for para algum lugar onde jamais esteve, será capaz de percebê-lo.

A Lua é um planeta feminino. Se quiséssemos fazer dela um personagem, teríamos que levar em conta que sua idade varia com sua fase: na Lua crescente, é jovem; na Lua cheia, madura; na Lua minguante, velha; e na Lua nova, decrépita. Aliás, por mudar de figura, a Lua pode ser associada à complacência e portanto à maternidade (vide sua regência do signo de Câncer). Um tipo físico lunar teria o rosto largo e os olhos grandes e facilidade para engordar. Basta ver as mulheres que passam rapidamente por mudanças de peso; parece que a cada semana estão mais gordas ou magras.

Estimativa / Mercúrio

É a faculdade pela qual percebemos as intenções possíveis dos objetos. A rigor, a estimativa não capta a essência dos objetos, nem a contempla; ela apenas nos diz o que podemos fazer com os objetos. No parêntese do parágrafo anterior falamos que um sorvete pode ser o favorito da minha namorada. A estimativa faria a seguinte operação: Minha namorada gosta de sorvete, este sorvete é bom, logo é bem possível que ela goste deste”. Ao pensar isto, não investiguei as causas e a natureza do sorvete, apenas deduzi que ele pode ser apetecível a minha namorada.

Os animais também possuem esta faculdade, assim como possuem o sentido comum. Basta ver que um gato que quer subir em um armário normalmente pula sobre uma mesa antes. Certamente o gato jamais será capaz de descrever a mesa segundo as quatro causas, nem será capaz de dar a definição da mesa segundo seu gênero próximo (móvel de casa ou escritório) e diferença específica (para comer ou trabalhar etc), mas ele é capaz de saber que a mesa serve para agüentar o seu peso enquanto ele pula.

Claro que aqui estamos descrevendo as faculdades em seu funcionamento perfeito. O gato pode se enganar e pular em uma mesa com apoios muito frágeis que vai se desmontar. Do mesmo modo, podemos achar que o carro cabe em uma vaga na qual ele não cabe, ou estacionar muito mal. Em qualquer caso, estamos sempre subestimando ou superestimando os nossos obstáculos. Posso achar que vou ganhar a menina só com um sorvete, mas talvez eu precise de muito mais. Ou talvez de muito menos, porque ela já gostava de mim de qualquer jeito.

O importante é entender que a estimativa é utilizada quando precisamos avaliar os meios de que dispomos para resolver uma situação, ou quando precisamos de um

critério para tirar uma dúvida de ordem prática. Com isto também fica clara a antiga associação entre Mercúrio e os servos: um bom servo (ou empregado, dá na mesma) é um sujeito que resolve os problemas que aparecem. Um bom estereótipo mercurino está nos tipinhos descolados e despachados para quem aparentemente não há obstáculos, exceto as figuras de real autoridade. Mesmo no *Rei Lear*, o bobo da corte (figura eminentemente mercurina) pode tripudiar verbalmente do Rei, mas fica a seu lado e o apóia até o final, pois é o Rei. Aliás, vale lembrar que o personagem mais mercurino das séries de TV provavelmente é McGyver, que podia usar um chiclete para desativar uma bomba, exatamente porque conhecia as “intenções possíveis” de cada objeto.

Mercúrio é o planeta mais difícil de observar, por nunca se afastar muito do Sol. Portanto (assim como Vênus), só é visível ao amanhecer ou ao anoitecer. Isto parece refletir a operação da estimativa da seguinte maneira: assim como Mercúrio só aparece ou no horizonte leste ou no oeste, a estimativa classifica as coisas em úteis ou inúteis (segundo um certo propósito). Mercúrio também tem aparência faiscante, o que sugere uma representação das relações entre os objetos e o meio.

Mercúrio é frio e seco. Talvez o aluno pensasse que ele é úmido, estando tantas vezes associado a personagens tão vivazes como bobos da corte. Mas na verdade a estimativa atrai as opções possíveis para si (frieza) e seleciona apenas uma dentre elas (secura), aquela que for mais eficaz. A “adaptação” mercurina não é úmida, porque ele não toma a forma da situação; a estimativa busca transformar a situação. Para compor melhor a idéia do personagem mercurino como um sujeito frio e seco, basta pensar no estereótipo do mordomo inglês, sempre impávido, mas que resolve tudo.

Mercúrio pode ser masculino ou feminino, conforme a situação. Se estiver em um signo feminino, é feminino; se estiver em um signo masculino, é masculino. Os signos “ímpares” são os masculinos, e os “pares” são os femininos.

Apetite concupiscível / Vênus

O apetite concupiscível é a faculdade pela qual sentimos atração ou repulsa pelas coisas: gosto de chocolate, não gosto de jiló. Sinto-me atraído por pessoas assim, e repellido por pessoas assado. Claro que podemos sentir simpatia ou antipatia gratuitamente, bem como podemos educar (através da vontade, que estudaremos em breve) nosso apetite, mas é nele que acontecem a simpatia e a antipatia como uma reação espontânea.

Os objetos do sentido comum podem apenas gerar isto; e são os objetos que agem sobre nós, e não nós sobre eles. O chocolate é que nos atrai; a pessoa bonita é quem nos atrai. Quando algum dos objetos do sentido comum se distingue dos demais em termos de atração ou repulsa, o apetite concupiscível entra em ação. Agora, todos os objetos que existem no sentido comum são potencialmente objetos pelos quais podemos sentir atração ou repulsa, mas não chegamos a experimentar estes estados para todos eles.

Vênus é o mais brilhante dos planetas. Seu brilho prateado é muito atraente; as pessoas que a ficam observando não conseguem parar. O planeta Vênus só aparece ou

logo antes do nascer do Sol ou logo depois do pôr do Sol, também representando o par agradável x desagradável.

Vênus é fria e úmida. Agora, se a atividade do apetite concupiscível consiste em sentir atração e repulsa, aparentemente precisaria ser descrita em termos de frieza e também de calor. Mas a idéia de calor pode ser dispensada se pensarmos que o apetite concupiscível faz com que o sujeito nunca “saia de si mesmo”. Se como chocolate, apenas sigo uma inclinação pessoal. Se não como jiló, também. O apetite concupiscível apenas vai reafirmando as seleções pessoais. A umidade está no fato de que os objetos do apetite concupiscível são virtualmente ilimitados, e é possível usar um critério de concupiscência até para os bens mais insuspeitos. Mesmo que eu tenha que comprar algo que aparentemente só pode ser enquadrado em um critério de utilidade, como uma tesoura, posso escolher a que tem o cabo da minha cor predileta.

Vênus, como o aluno pode estar esperando, é um planeta feminino, além de ser o significador natural da mulher, isto é, o planeta representa a mulher “enquanto mulher”, enquanto símbolo da beleza¹⁰ e da delicadeza. O tipo físico que corresponde a Vênus é pequeno e com traços finos e delicados – como Audrey Hepburn, mencionada no signo de Touro.

Vontade / Sol

A vontade é aquilo que se chama de *apetite intelectual*. O apetite intelectual é capaz de inclinar-se para a idéia do bem, seja do Bem supremo ou de um determinado bem que pode ser encontrado em vários objetos diferentes. Veja bem a diferença deste apetite para o concupiscível, que se volta apenas para objetos sensíveis: este chocolate, esta companhia agradável. O apetite intelectual volta-se para bens que, não sendo imediatamente sensíveis, são no entanto inteligíveis, isto é, pode-se concebê-los, mas não possuí-los sensivelmente naquele momento. Uma pessoa estóica, por exemplo, ama a virtude, e a virtude está em várias coisas. Pode-se comer, trabalhar, pensar e até ir a festas de maneira virtuosa. Outro exemplo: uma pessoa que deseja emagrecer não deseja um objeto presente para si naquele momento, mas apenas uma possibilidade do seu corpo. O objeto amado está distante no tempo. Do mesmo modo, você estuda astrologia porque para você conhecer o simbolismo astrológico e algumas (ou várias) de suas aplicações é um bem: um bem que você ainda não possui, mas ao qual sua alma se inclina. Repare que neste caso o objeto – o conhecimento da astrologia –, ao ser possuído, não se tornará uma posse sensível, reforçando ainda o aspecto *intelectual* do apetite.

É por isso que não podemos dizer que alguém ama a ciência do mesmo modo que ama um chocolate. Claro que é possível, com o tempo, extrair até um prazer “sensual”

¹⁰ Se você está estudando isto, nutre ao menos alguma simpatia pela idéia de simbolismo *natural*. O simbolismo *natural* é diferente do que é *cultural*. Quando digo que a beleza é um atributo *feminino*, não estou querendo falar da “nossa cultura”. Qualidades como beleza (e não vamos confundir beleza com majestade, por exemplo) ou delicadeza são propriamente femininas, enquanto que força ou coragem são propriamente masculinas. Obviamente isso nem quer dizer que todas as mulheres sejam belas e delicadas nem que todos os homens sejam fortes e corajosos etc.

do conhecimento; no entanto, basta ver que a ausência deste prazer específico não é suficiente para desmotivar o estudo, ao passo que a ausência de prazer faria qualquer pessoa abandonar seus chocolates, ou ainda, num exemplo mais radical, faria com que uma pessoa deixasse de querer fazer sexo com outra.

Neste ponto vale a pena mencionar a diferença que São Tomás de Aquino faz entre o *amor de concupiscência* e o *amor de amizade*. No primeiro, você deseja um objeto para si, e termina por exauri-lo, abandoná-lo ou destruí-lo. Quando você come um chocolate, você destrói o chocolate. Quando você apenas deseja carnalmente uma pessoa, depois enjoa dela (exceto em casos excepcionais em que há uma perpetuidade da atração). Já no segundo você deseja que a coisa continue existindo: você quer que a ciência seja infinita para poder estudá-la para sempre, quer a eternidade da virtude. No amor de amizade entre pessoas você deseja antes de tudo a felicidade do outro, e por isso faz sacrifícios com alegria. Assim, o primeiro amor tem sua raiz no apetite concupiscível, e o segundo na vontade. Veja como esta simples concepção desata nós de várias discussões de casais. Quando alguém diz “eu não te amo mais”, na verdade está dizendo “eu enjoei de você”.

Quando filósofos e poetas de inclinação mística (ou simplesmente religiosos) afirmam que “há no homem um desejo de infinito”, querem dizer que a vontade humana em última instância volta-se para um objeto infinito, Deus. Afinal, todos sabemos que mesmo os objetos que mais nos proporcionam satisfação – como a pessoa amada, ou os estudos, ou alguma obra de arte, ou a contemplação da perfeição de qualquer coisa – não a proporcionam completamente. A satisfação passa, e precisamos buscá-la novamente. Somente um objeto infinito seria capaz de atender à inclinação desta faculdade. Pedindo muitas licenças para traduzir o primeiro verso do *Tao Te Ching* nos termos desta descrição da alma, podemos dizer que “o Tao que pode ser nomeado não é o verdadeiro Tao” é o equivalente (não o idêntico) de “o bem que é um bem particular não pode ser um bem universal”, e portanto a vontade deve se inclinar para este bem universal (Tao) para repousar.

O Sol, planeta análogo à vontade, é tão bem conhecido quanto a Lua. O Sol ilumina todo o céu durante o dia e ilumina a Lua durante a noite (os antigos acreditavam que o Sol iluminava também as estrelas fixas). Do mesmo modo, a vontade “ilumina” a alma, porque o objeto desejado pela vontade não apenas é o mais presente na alma como ainda faz com que as outras faculdades se organizem em torno dele. Se você deseja emagrecer, sua concupiscência de chocolates vai se submeter a esta aspiração.

O Sol é quente e seco; basta ver que ele literalmente aquece e seca as coisas. A vontade também é assim: ela exclui determinados objetos, pois não é possível lutar por vários objetivos ao mesmo tempo, o que equivale à *secura*: o ser humano precisa confinar-se a um ou poucos objetivos de cada vez. O “calor”¹¹ da vontade é simples de entender: a vontade move as demais faculdades da alma.

A palavra *vontade* é um pouco problemática em português, porque falamos muito em “ter vontade” querendo dizer “ter desejo”. Assim, você pode “ter vontade” de tomar

¹¹ Lembre-se da “revisão dos elementos” em que eles são comparados às relações entre um círculo e seu centro.

um guaraná ou de ir à praia. Quando pensamos no termo inglês *will* as coisas ficam mais claras; se quisermos ficar no português, precisamos trazer a idéia de “força de vontade” para entender melhor esta faculdade.

O Sol é um planeta masculino. Se quisermos identificá-lo com um tipo, precisa ser o do homem entre 30 e 50 anos: nem tão jovem, nem velho, com o máximo de sua força. Por isso, aliás, o Sol é o regente natural do homem. Apesar de ser comum vermos símbolos de Vênus e Marte (T e U) significando o homem e a mulher, é o Sol que tradicionalmente simboliza o homem. Afinal, nem todos os homens são guerreiros ou marcadamente “marciais”, e nem por isso são menos homens.

Apetite irascível / Marte

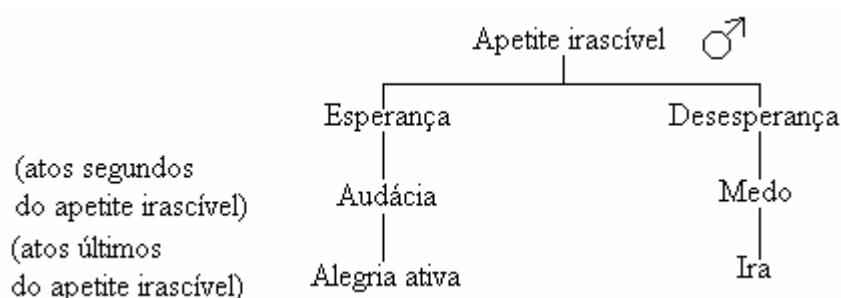
O apetite irascível é a faculdade que nos move a superar os obstáculos que se interpõem a nossos desejos. Isto é, precisamos fazer alguma força para realizar nossos desejos, quer eles partam do apetite concupiscível ou da vontade. Se quero um chocolate que está na cozinha, e estou no meu quarto, preciso me levantar e ir buscá-lo. Quantas vezes não pareceu um esforço extremo levantar-se para buscar água no meio da noite?

Claro que podemos pensar em momentos mais gloriosos do apetite irascível. O guerreiro sabe que a honra está em jogo, e ama a vitória, e então seu apetite irascível faz com que ele ponha sua armadura e vá para a guerra. E se quisermos ainda pensar em um exemplo no qual o apetite irascível vai em busca de um objeto do apetite concupiscível, basta considerar o momento em que o rapaz finalmente toma coragem e telefona ou se aproxima da menina mais bonita da escola.

Se pensamos também que a vontade deseja objetos que não estão presentes fisicamente, como um diploma, a forma física ou um determinado conhecimento, vemos que é o apetite irascível que nos faz vencer os obstáculos do dia-a-dia. Você não quer ir à escola, mas levanta-se de manhã mesmo assim. Hoje está sem paciência para os exercícios, mas do mesmo jeito vai fazê-los. Não tem a menor inspiração para rezar, mas reza.

O apetite irascível ainda se apóia-se na estimativa. Ela é quem vai dizer quais são os meios para se vencer o obstáculo: vou matar este tigre com uma flechada ou com um tiro? Vou conquistar a menina usando um olhar assim ou aquelas palavras mágicas (ou os dois)?

Aqui podemos considerar um esquema dos atos desta faculdade.



Do lado esquerdo, temos os atos do sujeito que olha a menina mais linda da escola, em sua pose esnobe, e mesmo assim tem esperança de conquistá-la. Cheio de audácia, ele supera sua timidez e o medo da rejeição, olha ela fixamente nos olhos e diz qualquer coisa e a convida para sair. Ela aceita. Ele se vira com um brilho no olhar: o obstáculo foi vencido. Aliás, parece que a coisa que as mulheres mais apreciam em um homem é este vigor marcial: elas querem ser *conquistadas*, literalmente.

Do lado direito, temos os atos do sujeito tapado e gordinho. Primeiro, ele se sente desesperançoso porque acha que ela não é para o seu bico. Depois, ele se sente até intimidado pela beleza e pela pose esnobe da menina. Ele morre de medo dela. Por fim, já tem raiva da humanidade, e vira uma dessas pessoas feias que ficam reclamando que as outras são burras, ignorantes, vazias etc.

Vale a pena observar que o sexo é naturalmente regido por Marte, e não por Vênus, apesar de muitas doenças sexualmente transmissíveis serem chamadas doenças *venéreas*. Isto acontece porque a libido tem muito mais a ver com vigor e com sair de si mesmo do que simplesmente com a busca de uma sensação agradável. Não é à toa que uma das tradicionais prevenções para o desejo sexual é a prática de exercícios extenuantes. Do mesmo modo, pessoas que exaurem a si mesmas em seus empregos costumam chegar em casa sem ter, digamos, muito amor para dar. Ao mesmo tempo, a sensação experimentada após o prazer sexual é comparável à sensação que se tem após uma corrida ou o levantamento de algum peso.

O planeta Marte é vermelho-alaranjado. Seu brilho é bem diferente, parece que ele rasgou o céu. Marte é um dos “maléficos”¹², quente e seco. Assim como a vontade move as outras faculdades, o apetite irascível move o sujeito mesmo à ação (calor), e para esta ou aquela ação (secura).

Marte é um planeta masculino, e o tipo marcial é naturalmente o guerreiro, o sujeito atlético, vigoroso. Mas não muito alto; mais para robusto e “atarracado”. Um bom tipo marcial seria o anão do *Senhor dos Anéis* – lembrando, é claro, que todo tipo é um tipo.

O intelecto paciente e o intelecto agente

Todos são capazes de perceber o aspecto sensível dos objetos – sua cor, seu cheiro, sua textura etc – e o fato de que existem pessoas que percebem as coisas de maneira diferente não impede a percepção sensível de acontecer. São Tomás de Aquino, seguindo Aristóteles, diz que os objetos sensíveis produzem *fantasmas*, ou o que chamaríamos de “imagens mentais”, na alma. Estes fantasmas seriam como que reflexos dos objetos.

Para apreender este aspecto sensível, temos os cinco sentidos e a faculdade do sentido comum. Mas, além do aspecto sensível, as coisas têm também o seu aspecto *inteligível*, isto é, podemos conhecer coisas sobre os objetos que não correspondem a nenhuma percepção sensível. Se eu digo que o ser humano pertence à espécie *homo sapiens sapiens*, não quer dizer que a espécie *homo sapiens sapiens* esteja sensivelmente

¹² Depois estudaremos melhor a questão dos “maléficos” e “benéficos”.

visível em algum lugar. O que existe e é visível são os homens. Do mesmo modo, se digo que o sal de cozinha tem a fórmula química NaCl, em nenhum momento sinto o gosto da fórmula química, mas apenas do sal. Ou ainda, posso me recordar de que a soma do quadrado dos catetos é igual ao quadrado da hipotenusa toda vez que vejo um triângulo retângulo, mas eu não *vejo* esta fórmula em lugar nenhum.

Se existe, então, o aspecto inteligível das coisas, como ele é apreendido pela alma? É aqui que entra o intelecto. Todos apreendemos idéias e noções que não têm existência sensível mas estão presentes enquanto conhecimento nos objetos sensíveis.

Mas ainda precisamos entender de que modo as idéias são apreendidas pelo intelecto. Neste ponto vale a pena discutir uma discordância entre Platão e Aristóteles, com a ressalva de que, apesar das tendências neoplatonistas, vamos adotar a posição de Aristóteles, seguida também por São Tomás.

Para Platão, as idéias ou formas têm subsistência própria¹³, isto é, elas existem por si, independentemente dos objetos que as manifestam no mundo corpóreo. Haveria um “mundo das idéias” em que as formas existiriam, e o intelecto teria acesso direto a elas. Aristóteles nega a existência deste mundo à parte¹⁴ e diz que as formas existem apenas nos objetos.

Além disso, podemos observar que, mesmo que a apreensão das formas seja direta, ela se dá para nós no tempo, e não sem trabalho. Isto é: quando eu olho pela primeira vez um rinoceronte, não tenho a apreensão da forma rinoceronesca, no sentido de que sou capaz de definir o rinoceronte, tornando-o objeto do intelecto. Posso apreender que o rinoceronte é em princípio hostil, mas isto vem da estimativa, e não do intelecto. Para conhecer as formas é preciso reunir as notas a respeito dos objetos (“o rinoceronte é pesado, gordo, quadrúpede, feio, chifrudo etc”) e ir comparando-as todas até chegar a alguma formulação que defina rinoceronte e não defina mais nada. Assim, a operação do intelecto estará completa.

Aristóteles e São Tomás então distinguem duas operações intelectuais: uma, que equivale simplesmente a inteligir o que for inteligível, e outra que equivale a comparar

¹³ Apesar de no início da obra termos usado a dualidade “forma x matéria” e também “essência x substância”, é preciso dizer que ali aqueles termos tinham um sentido mais aproximado daquele utilizado por René Guénon nos textos suplementares. Além disso, o propósito era mais o de oferecer ao aluno uma compreensão da natureza da dualidade do que apresentar um sistema cosmológico completo. A título de informação, porém, São Tomás de Aquino utiliza o termo matéria quase sempre no sentido de matéria corpórea (o que nem impede nem invalida o seu uso mais formal, como o que fizemos no começo das lições), o termo forma no sentido de idéia ou espécie, e o termo essência no sentido de “ato de ser”. Por isso algumas pessoas se escandalizam (como eu, da primeira vez) quando descobrem que São Tomás diz que “as essências são incognoscíveis”: porque entendem erradamente que ele está dizendo que as “formas” são incognoscíveis. Ora, claro que conhecemos a forma do quadrado ou do rinoceronte, mas não conhecemos (por causa de um limite material) todas as possibilidades do ato de ser quadrado (que inclui todos os quadrados possíveis e imagináveis) ou do ato de ser rinoceronte.

¹⁴ Com a ressalva, é claro, de que este é um breve comentário: nem Platão é tão “platônico” quanto se pensa, nem Aristóteles é tão “aristotélico”. Melhor sempre ler os textos diretamente; mas Giovanni Reale parece um bom comentador moderno de Platão.

todas estas notas e esmiuçá-las em busca de inteligibilidade. A primeira destas é o *intelecto paciente* e a segunda o *intelecto agente*.

Como a compreensão de qualquer coisa se dá na alma, e não fora dela, segue-se necessariamente que todo conhecimento possível está potencialmente na alma¹⁵; caso contrário, não poderia estar em ato nela, pois não pode haver ato sem que antes alguma coisa estivesse em potência. Por isso o intelecto paciente é também chamado *intelecto possível* (e buscas na internet ou em inglês devem se referir ao termo *possible intellect*).

O intelecto agente seria então, como diz São Tomás, a luz que ilumina o objeto para que o intelecto paciente possa apreendê-lo.

Tendo entendido bem estas atividades, a analogia com os planetas Júpiter e Saturno não é difícil.

O intelecto paciente apreende, de maneira simples e direta. Esta é sua atividade, bastante relaxada. Se “a luz está acesa”, ele apreende; se não, não apreende. Quando apreendemos algo assim, o objeto se torna translúcido e evidente. Assim é também o brilho do planeta Júpiter: branco-prateado, parece translúcido e puro, como se nem fosse um corpo. Júpiter é também um planeta masculino, associado aos tipos generosos, doadores; o intelecto paciente, quando apreende um objeto, enche a alma com a verdade. Júpiter é quente e úmido: o intelecto paciente é quente na medida em que também move a alma, e úmido na medida em que pode englobar vários objetos. Se fôssemos associar Júpiter a um tipo humano, teríamos aquele tio alegre que sempre dá coisas para os sobrinhos (não o Tio Patinhas: este é um tio saturnino).

É muito importante entender a relação que existe entre o intelecto paciente e a vontade. Se todos amam o bem e a felicidade, onde está a idéia do bem e da felicidade senão no intelecto paciente? Por isso, a vontade é comandada pelo intelecto. Quando ele determina que tal coisa é um bem, a vontade então se dirige para aquele objeto. Aqui, é claro, cabe perguntarmos a nós mesmos quantas vezes agimos realmente movidos pela vontade, porque esta obedeceu à decisão do intelecto, e quantas vezes fomos simples escravos das nossas paixões (isto é, dos apetites). Basta pensar, também, em quantas vezes pensamos “não sei onde estava com a cabeça quando decidi fazer tal coisa”. Normalmente nos abtemos de deliberar sobre nossos atos e depois ainda ficamos surpresos com as conseqüências: aquela pessoa fascinante a quem dedicamos tanto tempo era apenas um doente egocêntrico, minha compulsão por chocolates me traz problemas de saúde, a profissão que escolhi porque achei que era glamurosa ou me deixaria milionário na verdade não tem nada a ver comigo.

Lições à parte, é importante pensar em como estamos dispostos a fazer nossos simples objetos de desejo passarem por resultados de grandes deliberações, e dirigimos

¹⁵ Daí o chavão (verdadeiro, dependendo de como é entendido) de que as buscas espirituais se dão na verdade dentro do sujeito e não fora dele. Muitos santos – agora me recordo com certeza de São Bernardo, no sermão que consta de *A Cultura na Idade Média*, de Jean Lauand (Martins Fontes) – afirmam as vantagens de se conhecer a si mesmo e à alma. Mas isto não se refere só ao conhecimento “funcional” da alma, e sim à meditação da própria alma individual: “Por que EU fiz tal coisa etc?”

o amor da vontade para um objeto que nem seria capaz de dar o bem particular de que necessitamos, mas que às vezes tratamos como se fosse o bem universal.

A associação do intelecto agente com Saturno é simples. Saturno é o planeta mais distante, associado aos limites e dificuldades. Basta ver o quanto a operação do intelecto agente é extenuante e difícil. Saturno também pode ser associado ao esforço



O intelecto agente volta para casa após mais um dia sem conseguir entender nada

perdido; pensemos em quantas vezes fracassamos na tentativa de entender. Para a operação do intelecto agente ser recompensada¹⁶, é preciso método e disciplina. Por isso Saturno é também associado a estas coisas.

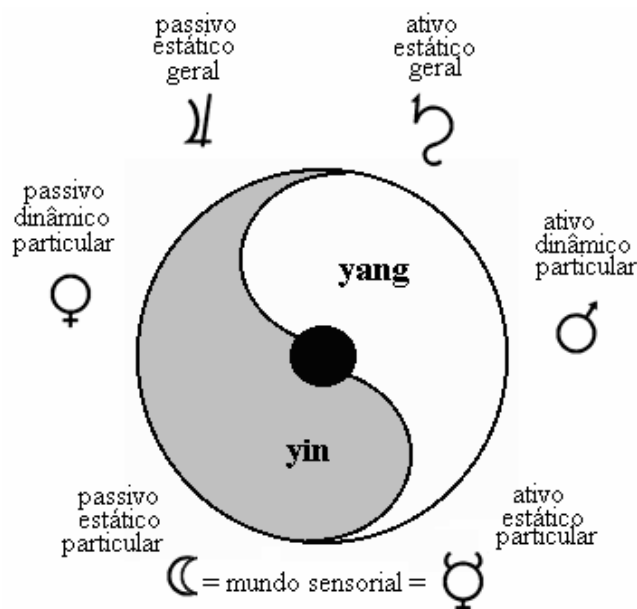
Saturno é também um planeta frio e seco. Ora, a operação do intelecto agente consiste em contrair os objetos (frieza) até deixar a sua forma pura exposta, e só ela (secura). Ninguém há de negar também que uma definição é uma coisa “fria e seca”. Saturno é o planeta de brilho mais fraco e pálido, de cor amarelada, parecendo uma vela que ilumina uma sala – uma imagem que já sugere quietude, silêncio e estudo.

Saturno é, por fim, um planeta masculino. Podemos associá-lo aos velhos, sobretudo aos velhos magros, e aos tipos sombrios. A imagem mesma de Saturno parece a fotografia clássica de Fernando Pessoa, triste e vestido de preto.

¹⁶ Isto é, para que se chegue à definição de algo. Que ninguém veja aqui algum significado “espiritual”, pois isso depende também da graça, e sobretudo desta.

Revisão das faculdades: esquema de forças segundo o *yin-yang*

Você é passivo ou ativo em relação ao objeto destas faculdades?



A vontade fica no centro. Ela é *yin* em relação aos objetos e *yang* em relação às outras faculdades da alma, isto é, ela é um apetite que se submete aos objetos mas que move as faculdades da alma na direção deles.

As faculdades abaixo do intelecto agente (Saturno) e do intelecto paciente (Júpiter) são chamadas “particulares” neste esquema porque se voltam a objetos particulares: percebo este computador onde escrevo (sentido comum/Lua), vejo qual a maneira mais eficiente de digitar (estimativa/Mercúrio), minha visão repousa agradavelmente sobre a tela de cristal líquido (apetite concupiscível/Vênus), quero terminar de escrever o capítulo (vontade/Sol), esforço-me para isso, pensando em exemplos, escrevendo etc (apetite irascível/Marte). Mas a minha atividade intelectual estava voltada para a percepção de tipos significados pelos planetas, e estes tipos são gerais; tanto o são que podem ser encontrados em vários objetos diferentes, como as faculdades da alma ou as “etapas das operações humanas”.

X. Os sete vícios capitais

Esta seção sobre os pecados capitais utiliza como base o livro *Sobre o ensino / Os sete pecados capitais*, de São Tomás de Aquino (trad. Jean Lauand, Martins Fontes). Devo advertir o aluno a respeito de uma certa incompletude do texto; mas as referências à *Suma Teológica* (segunda parte da segunda parte) complementam bem o que for necessário.

Caso o aluno deseje consultar a *Suma* da New Advent na internet – www.newadvent.org – deve saber que há imprecisões de tradução. Onde deveria haver o termo “acedia” (“acídia”), há “sloth”, usualmente traduzido como “preguiça”. São duas coisas bem diferentes, como veremos aqui.

Os sete pecados que se chamam “capitais” têm este nome porque são considerados “cabeças” ou “capitães” de outros pecados, dando origem a eles.

Talvez seja possível dizer que o pecado capital é a doença, e os pecados que dele originam são sintomas. Um exemplo: por causa do pecado capital da cobiça, uma pessoa pode ser levada a roubar, o que é outro pecado. A analogia entre um pecado capital e uma doença é imprópria na medida em que uma doença e um sintoma não são coisas do mesmo gênero, enquanto que um pecado capital e um não-capital são.

Apesar de a expressão “pecado capital” ter se consagrado, São Tomás fala na verdade de “vícios capitais”. Um vício é diferente de um pecado na medida em que um vício é um hábito e um pecado pode ser puramente ocasional. Quem rouba uma vez não tem o vício de roubar, embora tenha cometido o pecado do roubo. Mas quem tem cobiça não tem cobiça uma vez – tem a cobiça como um hábito, algo que perdura na alma durante algum tempo, a ponto de criar uma “segunda natureza”.

Os vícios, por sua vez, são opostos às virtudes, e, como disse Mestre Eckhart, “a virtude é algo que praticamos, não algo que possuímos”, dando a entender que a virtude é uma espécie de hábito. O hábito que não se pratica não é um hábito. São Tomás fala dos vícios capitais a partir das virtudes que lhes são opostas, mas há uma diferença grande entre estes dois setenários: enquanto os vícios são hábitos puramente humanos, as virtudes se dividem em teologais e cardeais. As virtudes teologais são infusas; é Deus quem as dá, não é o homem quem as obtém apenas por esforço; já os vícios capitais podem ser obtidos com facilidade apenas pelo esforço humano.

É possível fazer uma analogia entre as virtudes e os planetas, mas como existe esta distinção em seu grupo, vamos nos concentrar nos pecados.

Soberba / Vaidade

São Tomás de Aquino coloca a soberba como um “pecado supracapital”, já que ela efetivamente está presente em *todos* os pecados. A soberba nada mais é do que a elevação indevida de si mesmo, como no pecado original: “Sereis como deuses”. Em vez de preferir a lei de Deus, preferimos a nossa própria lei, e decidimos ser senhores da nossa própria vida. É bem claro que esta “desmesura” é facilmente associada a Saturno.

É esta mesma “desmesura” que está presente na vaidade. Aquele que se vangloria não glorifica a Deus, e o objetivo do cristão deve ser justamente buscar a glória *de Deus* em todas as coisas.

Toda criatura está de algum modo privada do Criador, que é absoluto, e d'Ele depende. É preciso sempre ter isto em mente: que “n'Ele vivemos, nos movemos e somos”, e portanto não há nada que possamos fazer de realmente bom sem Deus. A percepção desta privação em relação a Deus gera em nós o senso de proporção das coisas, e a negação desta privação nos desliga de Deus.

Do ponto de vista das “etapas das operações humanas” (13), tanto a associação com a soberba quanto com a vaidade são válidas, pois o pecado nelas consiste em negar esta privação do Absoluto e agir como se Ele não existisse.

Preguiça / Acídia

A acídia, segundo São Tomás de Aquino, é a tristeza que surge quando pensamos em bens espirituais. Quando pensamos que a vida cristã nos obriga a nos separarmos de vários bens dos quais gostamos, a tristeza toma conta de nossa alma. São Tomás não o cita como exemplo, mas parece que o jovem rico de Mateus XIX mostra bem o que é acídia. Quando Jesus lhe diz que deve abandonar suas posses e segui-Lo, o jovem fica triste e se retira.

Vamos retomar a idéia das operações humanas. Após reconhecermos a situação de privação, imaginamos o que poderia resolvê-la – como o jovem rico que pergunta. Se admitimos que a privação fundamental é de Deus, sabemos que os meios para satisfazê-la estão na vida espiritual, que consiste, no dizer dos Santos Padres, em “jejum, oração e esmola”. “Jejum” significa abdicar de quaisquer bens terrenos (não só de comida) para dedicar-se a Deus. “Oração” significa o próprio ato de orar como o conhecemos, a prece perpétua ou oração do coração, os estudos (não no sentido de acúmulo de conhecimentos, mas no sentido de busca do aperfeiçoamento da alma) e meditações. “Esmola” significa os atos de desprendimento e generosidade para com o próximo, que vão desde o dinheiro para os mendigos até quaisquer sacrifícios enfrentados para o bem de outrem¹⁷.

Diante de todas estas práticas, podemos simplesmente nos contentar em conhecê-las, e não colocá-las em prática. Assim surgem a preguiça e a acídia. A preguiça consiste em simplesmente pensar as coisas e não fazê-las, e a acídia consiste em não realizar as coisas da vida espiritual por causa da tristeza da separação das coisas do mundo. Qualquer que seja o pecado, o resultado é uma inação em relação ao objetivo espiritual.

¹⁷ Com isto não quero dizer que todos aqueles que não abandonaram suas casas para ir viver em mosteiros sejam más pessoas. Deus é quem escolhe seus santos; ninguém pode decidir se tornar santo – ainda que possa, é claro, querer *imitar* os santos em pontos específicos.

Ira

É preciso dispendar energia para colocar em prática aquilo que se aprendeu ou que se imaginou como capaz de satisfazer a privação. Quando “regulada pela razão”, no dizer de São Tomás, a ira é boa. Podemos encontrar um bom exemplo de “boa ira” na relação que todo religioso deve ter em relação aos pecados, seus inimigos.

São Tomás ressalta que a ira “boa” entra em ação *após* a deliberação da razão. Se a ira estiver presente na alma durante a deliberação, a razão (o intelecto) não poderá operar corretamente, por causa da agitação produzida.

Parece difícil para nós, hoje, entender a ira como um vício, isto é, como um hábito da alma. Parece-nos que para estar irado é preciso estar raivoso, vociferando contra alguém o tempo todo. Mas consideremos estas palavras de São Tomás e pensemos em toda a militância política travestida de vida intelectual que há nas universidades. Basta examinar expressões como “ação afirmativa” para ver o objetivo de “afirmar agindo”, isto é, de obter um resultado prático predeterminado, sem discutir com o adversário. As pessoas que reclamam exigem reparação por injustiças – reais ou fictícias – durante muito tempo estão possuídas pelo vício da ira, o qual evidentemente as impede de viver bem.

Esta é uma das vantagens de perdoar, como Jesus Cristo ordenou: limpar a alma da ira.

Gula

São Tomás de Aquino relaciona a gula aos desejos desmedidos, enfatizando (como era de se esperar) o desejo desmedido por alimentos.

Nas etapas das operações humanas, vamos associar a gula à posse do objeto porque ela constitui um desejo de posse indefinida dele. Assim, se temos fome, sabemos que uma determinada quantidade de comida é satisfatória, mas mesmo assim continuamos. Ou desejamos comer sem sentir fome, apenas para ter a posse da comida.

A gula pode ser de certo modo associada à curiosidade¹⁸, se a considerarmos como o desejo de obter informações ou experiências que vão além da nossa necessidade. Mesmo em se tratando de informações, de conceitos, é preciso ter cuidado para não ser guloso: quando temos questões reais e encontramos as respostas, isto traz saciedade e satisfação à alma por um bom tempo, até que novas perguntas reais sejam geradas. Quando procuramos idéias que não correspondem à nenhuma questão que tenha sido primeiro gerada em nós – num processo análogo a “primeiro sentir fome, depois comer” – normalmente temos uma “indigestão” delas, e é comum observar nas pessoas que fazem isto duas reações: ou elas simplesmente esquecem tudo o que estudaram, como alguém esquece uma experiência má e sem sentido, ou rejeitam aquilo que estudaram por causa do mal causado, do mesmo modo que alguém rejeita uma comida após ter passado mal por sua ingestão.

¹⁸ Apesar de existir a *curiositas*, que é uma das filhas da acídia.

Avareza

A avareza é o desejo de acumular bens além da conta. Sendo uma avidez por bens, ela parece semelhante à gula – afinal, a comida é um bem. A diferença é que o guloso encontra a saciedade, e o avarento não, porque espera que o bem desejado seja eterno. O guloso espera comer a comida, e isto vai destruí-la. O avarento espera preservar o bem.

Passando à comparação com as etapas das operações humanas, a posse de qualquer objeto que satisfaça uma necessidade real é acompanhada de gozo; no entanto, a noção de posse aqui utilizada inclui, de certo modo, a noção de *uso*: o guloso não deseja guardar a comida, mas comê-la toda. O curioso de tipo “guloso” não deseja só comprar livros, mas lê-los todos. O avarento apenas guarda a comida (eu conheço gente que guarda comida por anos a fio), ou os livros, que em si são bons, apenas para acumulá-los, eventualmente privando os demais (e num sentido a ele mesmo) de seu uso. O avarento pode reter a propriedade de objetos, mas não pode gozá-los propriamente, pois não há gozo na simples propriedade de algo, e sim na sua posse, no sentido em que estamos utilizando esta palavra.

Inveja

Se a acídia se refere aos bens espirituais, a inveja se refere ao bem do próximo; assim, o pecado da inveja está em sentir tristeza pelo bem do outro, seja este espiritual ou simplesmente material. Esta tristeza, resumindo muitíssimo o que diz a respeito São Tomás, vem do sentimento de inferioridade que o bem do outro gera em nós, como se o fato de ele ser beneficiado de alguma maneira excluísse a possibilidade de sermos também beneficiados – o que seria uma espécie de indignidade.

É fácil relacionar a inveja com as etapas das operações humanas. Só é possível sentir inveja de algo que o outro já goza. Assim a inveja está relacionada à etapa da catalogação e comparação das experiências (imediatamente posterior ao gozo), fazendo com que aquilo que é bom seja percebido como ruim.

Luxúria

Passando direto à associação com as etapas, vemos que toda experiência deixa marcas materiais, desde a simples sensação de saciedade até efeitos que podem ir se acumulando: após comer repetidas vezes mais do que o devido, ficamos gordos. O uso excessivo de qualquer faculdade, física ou psíquica (e é importante lembrar que o termo grego *psyché* quer dizer *alma*), leva a um desgaste da mesma, e é por isto que é preciso sempre retirar mais da mesma fonte de prazer para obter um efeito equivalente ao desejado. Mas a luxúria não pode ser confundida com a gula: nesta, o que se deseja é o objeto próprio da operação, isto é, a comida é o que o esfomeado ou guloso deseja, não a alteração que a comida provoca nele.

Normalmente, a luxúria é associada ao sexo, porque o sexo é aquilo que provoca os prazeres mais intensos; ninguém deseja para si a sensação de estar cheio de comida e mal conseguir andar por isso. Ainda que as finalidades do sexo sejam a reprodução e o deleite no corpo do outro, esta segunda finalidade não pode ser confundida com a

desrespeitosa transformação do outro num mecanismo de obtenção de sensações gostosas, ou de obtenção de alívio para tensões interiores. O apego excessivo a estas sensações é que constitui o vício da luxúria.

Hoje em dia temos, a meu ver, uma imagem mais forte da luxúria: o uso de drogas. O melhor filme a respeito dela é *Requiem for a Dream*, de Darren Aronofsky, que ainda tem a virtude de mostrar com clareza uma de suas filhas: a insensatez.

XI. Pequena lista de informações sobre os planetas

Lua R

Qualidades: fria e úmida

Ciclo: 28 dias

Feminina

Aspecto: lunar noturno, de cor branca, cresce e diminui, chegando a desaparecer; é o mais rápido dos planetas.

Traço simbólico: princípio de geração, nutrição e crescimento.

Mercúrio S

Qualidades: seco e frio

Ciclo: o mesmo do Sol¹⁹

Torna-se masculino ou feminino dependendo da situação

Aspecto: aparece só antes do nascer do Sol e depois do pôr do Sol; tem uma luminosidade cintilante, como se estivesse emitindo faíscas.

Traço simbólico: princípio de adaptação, articulação, relação e comunicação.

Vênus T

Qualidades: úmida e fria

Ciclo: o mesmo do Sol²⁰

Pequeno benéfico

Feminina

Aspecto: aparece só antes do nascer do Sol e depois do pôr do Sol, como estrela da manhã e estrela da tarde; depois do Sol e da Lua, é o astro mais brilhante do firmamento. Seu brilho caracteriza-se pela suavidade e doçura.

Traço simbólico: princípio de atração, união e conciliação.

Sol Q

Qualidades: quente e seco

Ciclo: 1 ano

Masculino

Aspecto: lunar diurno, de luz amarela quente, o mais brilhante; evidencia em cada coisa sua cor própria; tem luz e calor.

Traço simbólico: princípio de poder e carisma.

¹⁹ Lembre-se: o que nos interessa é a perspectiva geocêntrica, a qual só leva em conta o movimento dos planetas tal como visto da Terra, e portanto levamos em conta a retrogradação, ou o movimento aparente de um planeta para trás. Todos os planetas ficam retrógrados, exceto o Sol e a Lua.

²⁰ É preciso lembrar aqui a observação feita por John Frawley: “Quando ao movimento, a relação do Sol com Vênus e Mercúrio é semelhante à de um homem com seus cachorros. Quando saem para passear, os cachorros saem correndo, voltam etc, mas os três terminam o passeio ao mesmo tempo.”

Marte U

Qualidades: seco e quente

Ciclo: 686 dias

Pequeno maléfico

Masculino

Aspecto: luz avermelhada; é, dos planetas, o que tem a cor mais intensa e mais quente.

Traço simbólico: princípio de esforço e superação.

Júpiter V

Qualidades: quente e úmido

Ciclo: 12 anos

Grande benéfico

Masculino

Aspecto: depois de Vênus, é o planeta mais brilhante. Sua luz tem uma qualidade irradiante.

Traço simbólico: princípio de expansão e plenitude.

Saturno W

Qualidades: frio e seco

Ciclo: 29 anos e meio

Grande maléfico

Masculino

Aspecto: é o menos brilhante dos planetas e tem a cor amarelo-pálida.

Traço simbólico: princípio de contração e limite, dificuldade.

XII. As dignidades essenciais

Uma das mais importantes ferramentas do astrólogo é a tabela de *dignidades essenciais* de Ptolomeu, reproduzida aqui, na página final.

O que é uma dignidade essencial? Simples. O Zodíaco é um círculo de 360°, dividido em 12 pedaços de 30° que são os signos. Cada signo é regido por um planeta; neste signo, o planeta que o rege tem seu *domicílio*. Esta é a primeira dignidade essencial. Ela corresponde a um máximo de força, porque o planeta está em sua própria casa, onde ele manda em tudo.

A segunda dignidade essencial é a *exaltação*. Ela corresponde ao estado de um convidado de honra. Por mais que se possa especular, a verdade é que ninguém sabe de onde vieram as exaltações dos planetas.

A estas duas dignidades essenciais correspondem duas *debilidades essenciais*. Ao domicílio corresponde o *exílio*: se Vênus rege Touro, tem seu exílio em Escorpião, que é o signo mais distante; o exílio é naturalmente a distância máxima do domicílio (como o aluno pode ver, a astrologia é bastante literal neste ponto).

À exaltação corresponde a *queda*. Afinal, exaltar significa literalmente elevar; e o contrário de elevar é descer, cair. Se ninguém sabe de onde vieram as exaltações, pelo menos os signos de queda dos planetas são os signos opostos às exaltações.

Falaremos extensivamente sobre o domicílio, a exaltação, o exílio e a queda de cada um dos planetas.

Existem mais três dignidades essenciais, às quais não corresponde nenhuma debilidade. Vamos tratar delas agora.

A primeira é a *triplicidade*. Existem, como o aluno sabe, quatro triplicidades no Zodíaco:

A triplicidade de fogo, que inclui os signos de Áries, Leão e Sagitário.

A triplicidade de terra, que inclui os signos de Touro, Virgem e Capricórnio.

A triplicidade de ar, que inclui os signos de Gêmeos, Libra e Aquário.

A triplicidade de água, que inclui os signos de Câncer, Escorpião e Peixes.

Cada uma destas triplicidades recebe um regente diurno e um noturno. Existem na verdade mais regentes – Bonatti dá três noturnos e três diurnos, por exemplo – e também muita divergência a respeito de quais são os regentes – Jean-Baptiste Morin decidiu inventar um sistema próprio. Mas aqui seguimos quase sempre o exemplo dos astrólogos ingleses do século XVII, e o maior deles, William Lilly, utilizava apenas o primeiro regente de cada triplicidade para o dia ou para a noite, conforme o caso. Assim, se você olhar na tabela de dignidades, verá que Saturno rege a triplicidade de ar durante o dia e Mercúrio a rege durante a noite.

Em termos práticos, isto quer dizer que se encontrarmos Saturno nos signos de ar durante o dia diremos que ele tem dignidade por triplicidade. Na astrologia horária, diríamos que ele tem força suficiente para agir, porque está “no seu elemento” – se o planeta rege a triplicidade de um elemento...

A segunda das “outras” dignidades é o termo. Termo é um pedacinho do signo regido que é atribuído a algum planeta. Pense em uma empresa: o planeta que rege o signo é o chefe da seção, e a mesa de um empregado é o termo. Esta dignidade indica pouco poder de ação.

A última dignidade é a face ou decanato. Divida cada signo em pedacinhos de dez graus e você terá esta dignidade. Segundo Lilly, esta dignidade é como um homem que está nas últimas.

Não conheço nenhuma explicação para a ordem das atribuições de termos e faces, mas há mais de uma tabela de dignidades, e os programas de astrologia costumam ter mais de uma opção. Lilly seguia Ptolomeu; nós também o seguiremos.

Antes que o aluno pergunte, se um planeta não tem nenhuma dignidade (ou se ele “não está em nenhuma das suas dignidades”, isto é, em nenhum pedacinho do Zodíaco que lhe seja atribuído), dizemos que ele está *peregrino*, pois literalmente não tem onde pousar. Estar peregrino é também uma debilidade essencial.

Vale também lembrar que sim, um planeta pode somar dignidades, e isto significa que ele tem muita força.

Como última observação, não custa ressaltar que *as dignidades essenciais se referem apenas à posição dos planetas em relação ao zodíaco*. Existem também as *dignidades e debilidades acidentais*, que se referem à posição dos planetas em relação às casas.

Os planetas como personagens

A melhor maneira de entender as principais dignidades essenciais dos planetas é tratá-los como personagens. Em *Christian Astrology*, a principal obra de Lilly, encontramos vários subsídios para sua descrição física, o que ajuda bastante.

Isto também é muito útil na astrologia horária. Se o astrólogo recebe uma questão a respeito de uma futura relação amorosa, já pode dizer muito a respeito do companheiro da pessoa apenas pela natureza do planeta que a representa. Um futuro namorado significado pelo Sol é bem diferente de um futuro namorado significado por Saturno.

Vamos examinar, então, cada um dos planetas.

Sol

Já fizemos este exercício. Como seria alguém significado pelo Sol? Um homem maduro mas não velho, generoso, luminoso, bom. Não seria muito alto, mas também não seria muito baixo. Teria gestos largos e magnânimos. A pele seria naturalmente bronzeada ou mais escura. Lilly ainda diz alguma coisa a respeito de ter os dentes feios, mas eu mesmo nunca observei isto.

O Sol tem seu domicílio no signo quente e seco de Leão. Se imaginarmos que a casa de uma pessoa é a extensão da sua personalidade²¹, podemos dizer que a casa do Sol é

²¹ O que apenas adotaremos como princípio didático, pois o mais comum é que as pessoas tentem montar sua casa como um complemento ao seu temperamento. O escriba aqui, sendo colérico-melancólico (fogo e terra), se pudesse teria uma casa repleta de tapetes e almofadas, com uma imensa piscina na frente.

um deserto não muito árido. Não o Saara, onde ninguém vive, mas um deserto como os da Califórnia e do Arizona, onde muitas pessoas vivem. No deserto o Sol sem dúvida reina absoluto; nos desertos habitáveis, sua presença é amiga e não hostil.

Esta, aliás, é uma noção muito importante: qualquer planeta em alguma de suas dignidades é bonzinho. Quanto maior a dignidade, mais caráter ele tem. O Sol em Leão não é mau para ninguém. Já o Sol em Aquário...

Aquário é o exílio do Sol. Aquário é um signo de Saturno, portanto é um signo de ações de longo prazo. Como vimos nas lições sobre os signos, Aquário é também o signo dos objetivos ocultos, das ações indiretas. Talvez nem seja preciso explicar o quanto isto é contrário à ação solar. No meio de conspiradores, é fácil ver o quanto o Sol está infeliz.

O Sol está exaltado no signo de Áries. Se Áries fosse um lugar, qual seria? Um campo de batalha é uma boa sugestão. O Sol é o regente natural dos reis e dos comandantes, os quais estão naturalmente exaltados nos campos de batalha.

A queda do Sol é o signo de Libra, o próprio lugar do equilíbrio dos contrários. Se em Libra o que importa é negociar, e chegar a um bom negócio para ambas as partes, isto não combina nem um pouco com o Sol, que rege a autoridade e o poder: o Sol manda, não negocia.

Lua

A Lua é um planeta feminino. Sua idade varia com sua fase: a Lua crescente significa uma mulher bem jovem, a cheia uma mais madura etc. A Lua é meio gordinha (pelo menos tem facilidade para engordar) e cheia de desejos; um bom exemplo, tanto do tipo físico quanto da personalidade é a Bridget Jones interpretada por Renée Zellweger no filme *O diário de Bridget Jones*. Vamos deixar claro que a Lua só tem facilidade para crescer horizontalmente; o tipo físico lunar não é alto.

A casa da Lua seria (ao menos ligeiramente) desarrumada, bastante confortável, com a geladeira cheia (de comidas e bebidas) e a TV ligada. Provavelmente haveria um bebê nesta casa. Nada aconteceria no horário previsto, e ninguém teria hora para dormir ou acordar, mas todos teriam muito amor para dar. Assim é o signo de Câncer.

O signo oposto, Capricórnio, é completamente... oposto. Em Capricórnio as pessoas trabalham em mesas de madeira escura, em cadeiras sem acolchoamento, e realizam o mesmo trabalho todos os dias, com um objetivo imediatamente ausente. A Lua está muito infeliz ali; aquilo que a Lua tem para oferecer – um sorriso gratuito, uma taça de vinho – não é apreciado em Capricórnio.

Não é de admirar que a exaltação da Lua seja em Touro: num signo regido por Vênus, cheio de coisas gostosas, a Lua está felicíssima. Já sua queda acontece no teso Escorpião: um signo de Marte, em que as pessoas estão tensas prestando atenção no rumo dos acontecimentos e não se sentem à vontade para parar e tirar uma soneca²².

²² Não confundir os signos com as pessoas que têm o Sol naquele signo.

Mercúrio

Mercúrio é o João Grilo do *Auto da Compadecida*. Um sujeito pequeno, magrinho, lépido e fagueiro, engenhoso (mas não sábio); homem ou mulher de acordo com os planetas que lhe fazem aspecto (e, se não houver nenhum, com o signo onde está).

Mercúrio é o primeiro planeta a ter dois domicílios.

Gêmeos é a casa de Mercúrio onde há aparelhinhos de todos os tipos. Pelo menos dois computadores diferentes; telefones; coisas que ele comprou só porque imaginou que um dia, talvez, pudessem ter alguma utilidade. Na biblioteca, há livros de várias correntes filosóficas, porque na dúvida ele prefere consultar todos. E de fato ele passa o dia lendo páginas a esmo neles. No meio da bagunça, Mercúrio manda. Pergunte onde está aquela tradução espanhola da *Metafísica* de Aristóteles e ele vai rapidamente retirá-la de baixo de uma pilha de edições da *National Geographic*.

Em Virgem Mercúrio tem seu máximo de glória: domicílio e exaltação. É como se o engenhoso mas disperso servo que mora em Gêmeos tivesse aprendido uma só arte e se dedicado a ela. Assim, ele fica se dedicando a produzir objetos perfeitos o dia todo. Encontramos vários objetos em Virgem, mas todos concorrem para a mesma finalidade. Os livros estão organizados nas estantes, e as estantes estão limpas. Virgem é uma fábrica da Mercedes na Alemanha, e Mercúrio zanza com seu jaleco para ver se tudo está perfeito. Na fábrica, este engenheiro, além de estar no seu domicílio, também é muito importante: sem ele a fábrica não produz.

Os signos opostos aos signos de Mercúrio são regidos por Júpiter, que é fé e adesão; Mercúrio é dúvida, especulação. Por isso está infeliz nos signos de Júpiter. No signo oposto a Gêmeos, Sagitário, há uma sala de aula onde as pessoas são obrigadas a decorar declinações *porque sim* e a aprender uma série de coisas *porque sim*. Quando o pobre Mercúrio propõe 157 maneiras diferentes de fazer as coisas, Júpiter lança um certo olhar de desprezo, como se olhasse para um servo que nada entende de certos assuntos. Em Peixes, a situação de Mercúrio é ainda pior: ele nem sabe porque está recebendo aquele olhar de desaprovação, mas é porque aqui o que conta é a inspiração, e não a eficiência ou a agilidade.

Vênus

Vênus é uma mulher pequena, bonita e doce. Não é uma magricela; pode ter uma carninha a mais, mas não pode ser gorda; e não custa repetir que tem que ser bonita.

O planeta Vênus é conhecido como *o pequeno benéfico*. É verdade que Vênus é um benéfico, mas nem sempre. Lembre-se do que foi dito antes: quanto mais dignidade tem um planeta, mais “caráter” ele tem; se está no exílio ou em queda, não tem nenhum ou muito pouco. Por isso devemos ver com moderação a idéia de “benéficos”, bem como a idéia de “maléficos”, de que trataremos adiante.

Retomando, Vênus tem também duas casas.

A primeira delas é o signo de Touro. Há potinhos de chocolate Godiva espalhados pela casa, mas que jamais são comidos em grande quantidade – só quando a Lua visita. Há muitas almofadas e os sofás e camas são excepcionalmente confortáveis. O chá

inglês é servido em pequenas xícaras de porcelana. Tudo é pequeno e frágil; é a casa de uma princesinha de contos de fadas.

Já a segunda casa é também muito agradável, mas por outras razões. Libra é um dos signos humanos (junto com Gêmeos e Aquário) e portanto aqui os prazeres são também um tanto mentais. Esta casa de Vênus é freqüentada por poetas e músicos, e todas as pessoas têm muito boas maneiras. O maior debate é ver quem vai abrir a porta para quem, e um só aceita ser servido se o outro concordar em ser servido da próxima vez. Não é à toa que aqui Saturno é um convidado de honra – mas trataremos disto daqui a pouco.

Em Escorpião, Vênus está péssima. Naquela mesa onde os generais acompanham o andamento da batalha, ninguém quer tomar um chocolate quente e discutir qual restaurante é melhor para jantar.

Em Áries, no próprio campo de batalha, ninguém quer parar e ouvir um poeminha sobre o amanhecer nas montanhas. Nem é lugar de dizer “eu vou atirar; depois você atira em mim”.

O melhor é a pequena Vênus sair correndo desses lugares.

Vênus está exaltada no fértil signo de Peixes e em queda no estéril signo de Virgem. A razão de o signo de Virgem ser “estéril” é evidente: virgens não têm filhos (a Virgem Maria é um caso à parte). Vênus é o significador natural da mulher, e ninguém há de negar que faz parte da “essência” da mulher a capacidade de ter filhos. Também é fácil ver a exaltação de Vênus em Peixes: o que traz mais inspiração do que a beleza?

Marte

Marte é um homem pequeno, atarracado, e naturalmente invocado. Uma representação perfeita dele seria o anão Gimli, do filme *o Senhor dos Anéis*. Poderíamos pensar, é claro, em Conan, o Bárbaro, mas Schwarzenegger é alto demais para corresponder ao tipo marcial – o que não quer dizer, obviamente, que ele não tenha um forte componente marcial; mas é importante buscarmos primeiro os tipos puros, para depois entendermos as misturas. Para completar o tipo marcial, vale acrescentar que, assim como Saturno, Marte é feio, e tem as feições grosseiras. Nenhuma pessoa de feições finas – como os atores Ralph Fiennes, Leonardo DiCaprio ou a brasileira Helena Ranaldi – pode ser primariamente representada por Marte ou Saturno.

Marte tem seus domicílios em Áries e Escorpião. Estes signos são como partes de uma academia de ginástica: os exercícios aeróbicos são mais arianos, pois estão mais relacionados a pura e simplesmente gastar energia. A sala de musculação é de Escorpião, pois fazer musculação é fazer um esforço de resistência. Se você vai levantar quarenta vezes um peso de dezenas de quilos, provavelmente vai fazê-lo aos poucos. Primeiro vai levantá-lo dez vezes, depois vai descansar, e isto é Escorpião: ir até o limite da força e depois ter o alívio. Nos exercícios aeróbicos, não buscamos o limite, mas um esforço contínuo, que é puro desgaste.

Para ver como Marte está enfraquecido nos signos de Touro e Libra basta imaginar, em primeiro lugar, como se sentiria um sujeito musculoso, desajeitado e bronco na casinha da Smurfette que é o signo de Touro. Ele provavelmente quebraria os abajures

e destruiria as porcelanas ao mover o seu tacape. No signo de Libra, Marte pensaria que toda a poesia ali declamada não passa de conversa mole e toda a cortesia não passa de afetação. Leve o anão Gimli para a corte de Luís XVI para ter uma idéia.

Marte está exaltado no signo de Capricórnio. Ora, Capricórnio é o signo da tenacidade, da persistência; o vigor é uma qualidade que combina muito com estas. Marte está em queda em Câncer, o signo oposto: um guerreiro viking como Hagar, o Horrível, de fato não tem uma grande contribuição a dar num berçário.

Júpiter

Indo direto ao ponto, Júpiter é ninguém menos que Papai Noel. Sendo o “grande benéfico”, Júpiter é aquele tio gordo, bonachão, generoso e alegre que traz felicidade para as pessoas. Júpiter, porém, não deve ser extremamente gordo; o planeta com mais potencial para o excesso de peso é a Lua. Sua pele é clara, seus olhos são brilhantes.

A primeira casa de Júpiter é o signo de Sagitário – um lugar onde as pessoas têm uma autoridade natural e lidam com isto sem qualquer problema. Sagitário é o colégio de cardeais no Vaticano; e o ambiente não precisa ser sisudo, se é isto que você está pensando. Os cardeais são sacerdotes, homens de Deus; e é através deles que Deus concede suas graças, isto é, através dos sacramentos que eles realizam.

A segunda casa de Júpiter é Peixes. Sinto-me tentado a dizer simplesmente que Peixes é o Rio de Janeiro (a cidade foi realmente fundada com o Sol em Peixes), e não sei se é mais fácil para cariocas ou não-cariocas perceberem isso. O fato é que em Peixes o que conta é a inspiração do momento, aquela motivação difícil de apreender mas fundamental para continuar vivendo com felicidade, isto é, para se ter aquilo que os franceses chamaram *joie de vivre* – e não custa recordar que *joie* ou *joy*, assim como *jovialidade*, em português, vêm de *Jove*, Júpiter.

Feliz no colégio de cardeais, onde se discute apenas a maneira mais clara de enunciar uma verdade, Júpiter se desespera em Gêmeos, onde toda verdade é encarada como provisória e pode muito bem ser abandonada em prol de outra coisa mais interessante, mesmo que esta não tenha nada a ver com a primeira. Gêmeos é alguém mudando de canal o tempo todo. Júpiter é também o planeta da abundância, e a abundância precisa ser, por definição, abundância da mesma coisa – de dinheiro, de trigo, de qualquer bem. Mas Gêmeos é o signo da variedade, o que significa muitas coisas diferentes mas em pequena quantidade, ou seja, nenhuma abundância. Aliás, tanto Gêmeos quanto Virgem são signos estéreis. Neste, Júpiter está especialmente triste porque Virgem é como um lugar onde as coisas dificilmente se concretizam; se São Tiago disse que “a fé sem obras é morta”, a fé de Júpiter tem muitas obras, mas em Virgem a dúvida a respeito da perfeição da obra é um tanto paralisante. Não é à toa que William Lilly diz que os benéficos em má situação são como “um homem que promete mas não cumpre” – não porque ele seja mau, mas porque está impossibilitado. Isto lembra como devemos ver com moderação a idéia de que os benéficos são sempre benéficos e os maléficos são sempre maléficos.

Se Júpiter passa mal em signos estéreis, não admira que esteja exaltado em Câncer (signo que, a este astrólogo, parece o mais fértil de todos). Não há nada que uma mãe

aprecie mais do que uma pessoa que encha o seu filho de presentes. Sua queda é no signo de Capricórnio: tente contar uma piada para aqueles homens trabalhando tão seriamente no escritório para ver a cara que eles vão fazer. “Vamos nos concentrar!”

Saturno

Chegamos enfim ao mais mal-falado dos planetas. Saturno é, afinal, o “grande maléfico”, o homem chato que nos impede de realizar nossos desejos. Ele também tem as feições grosseiras, mas o rosto e o tronco compridos; é alto, mas não muito. Uma corcunda lhe cai bem. E é claro que é o mais feioso dos planetas.

Apesar disto, Saturno pode trazer grandes virtudes quando tem dignidades. A disciplina e a tenacidade são virtudes saturninas. São virtudes impopulares também; hoje podemos perder os quilos a mais numa lipoaspiração (Marte) em vez de mudar o nosso estilo de vida e a nossa alimentação (Saturno). Preferimos reclamar e exigir direitos e mais direitos (Lua, criança mimada) em vez de aceitar que muitas coisas exigem uma dedicação contínua por anos e anos. E, o que é mais gritante, muita gente prefere a “vida cultural”, com suplementos literários de jornais e *half-baked ideas* (Mercúrio, a razão) ao estudo sério e dedicado de um assunto, o que é sempre árido e difícil. Um debate universitário moderno é puro Mercúrio; é uma “troca de idéias” que raramente leva a alguma coisa, por mais interessante que seja; um debate escolástico é Saturno – ninguém sai daqui até resolvermos esta questão. O leitor, aliás, não deve nem tomar a *Suma Teológica* como exemplo da escolástica, pois a *Suma* é uma suma, e portanto os debates ali são resumidos. Se o leitor buscar tratados de São Tomás como o *De Veritate* ou o *De Malo*, verá não 10 ou 12 objeções respondidas, mas às vezes dezenas.

Pois bem. Saturno então está feliz no signo de Capricórnio, pois ali todos são persistentes e sabem o que fazer. As pessoas não têm dúvidas quanto ao manual de instruções e aplicam perfeitamente as regras ali expostas, com muita eficiência, sempre agindo de maneira adequada.

Em Aquário, é importante observar uma coisa. Saturno é o intelecto agente. O homem é o *animal racional*, isto é, que tem intelecto (Aristóteles sabia que os animais têm estimativa). Aquário é o *mais humano dos signos*²³. É também um signo de ar, então podemos esperar conversas inteligentes – mas, ao contrário da mera troca de idéias de Gêmeos, em Aquário a discussão tem um propósito claro, e as novas informações são julgadas de acordo com a sua pertinência.

Não é difícil ver a infelicidade de Saturno em Câncer e Leão. Se Júpiter é o tio generoso que traz mamadeiras importadas para o bebê, Saturno é o tio chato (aliás, Saturno é o próprio Tio Vânia da peça de Chekov: um velho ressentido) e ranheta que reclama do choro do bebê. Ele preferia estar estudando em seu lúgubre escritório, e não poderia oferecer ajuda nem que quisesse. Sendo Câncer um signo de água, também podemos pensar nele como uma praia: ponha Saturno na praia. Ele quer dar um sermão nas pessoas, e elas querem se divertir. Já Leão, sendo um signo quente e seco, é

²³ O que não quer dizer, pelo amor de Deus, que os aquarianos são mais humanos do que os demais.

como um deserto: ponha o Fernando Pessoa num deserto; a imagem basta para ver a inadequação entre a pessoa e o ambiente.

Saturno está exaltado em Libra, o humano signo da cortesia e das boas maneiras. Como todos aprendemos nos filmes, a cortesia e as boas maneiras são ensinadas por duras governantas inglesas, sem as quais aqueles gestos graciosos não existiriam. Mesmo se voltarmos ao *My Fair Lady*, vemos que Eliza Doolittle (Audrey Hepburn) somente se tornou graciososa pelos esforços do Prof. Higgins.

Tabela de Dignidades Essenciais

Signo	Regente	Exal- tação	Triplicidade		Termo					Face			Exílio	Queda
			Dia	Noite										
A	U	Q 19	Q	V	V 6	T 14	S 21	U 26	W 30	U 10	Q 20	T 30	T	W
B	T	R 3	T	R	T 8	S 15	V 22	W 26	U 30	S 10	R 20	W 30	U	
C	S		W	S	S 7	V 14	T 21	W 25	U 30	V 10	U 20	Q 30	V	
D	R	V 15	U	U	U 6	V 13	S 20	T 27	W 30	T 10	S 20	R 30	W	U
E	Q		Q	V	W 6	S 13	T 19	V 25	U 30	W 10	V 20	U 30	W	
F	S	S 15	T	R	S 7	T 13	V 18	W 24	U 30	Q 10	T 20	S 30	V	T
G	T	W 21	W	S	W 6	T 11	V 19	S 24	U 30	R 10	W 20	V 30	U	Q
H	U		U	U	U 6	V 14	T 21	S 27	W 30	U 10	Q 20	T 30	T	R
I	V		Q	V	V 8	T 14	S 19	W 25	U 30	S 10	R 20	W 30	S	
J	W	U 28	T	R	T 6	S 12	V 19	U 25	W 30	V 10	U 20	Q 30	R	V
K	W		W	S	W 6	S 12	T 20	V 25	U 30	T 10	S 20	R 30	Q	
L	V	T 27	U	U	T 8	V 14	S 20	U 26	W 30	W 10	V 20	U 30	S	S

OBS: Os graus de exaltação dos planetas são dados em ordinais, isto é, o 28 grau de Peixes vai de 27.00 até 27.59.